

MESTRADO EM RISCOS CIDADES E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

O Impacto da COVID-19 no Turismo Vianense

Francisco Rodrigues Antas

M

2021



Francisco Rodrigues Antas

O Impacto da COVID-19 no Turismo Vianense

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Riscos Cidades e Ordenamento do Território, orientada pelo Professor Doutor Luís Paulo Saldanha Martins.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Francisco Rodrigues Antas

O Impacto da COVID-19 no Turismo Vianense

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Riscos Cidades e Ordenamento do Território, orientada pelo Professor Doutor Luís Paulo Saldanha Martins.

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Para Os Meus Pais

Sumário

Declaração de honra	4
Agradecimentos	5
Resumo.....	6
Abstract	7
Índice de Figuras	8
Índice de Gráficos.....	9
Lista de abreviaturas e siglas	10
Introdução.....	11
1.Problematização.....	12
2.Questão Central	16
3.Estado de Arte	17
4.Revisão de Literatura	21
4.1. Turismo.....	21
4.2. Evolução do Turismo	22
4.3. Atratividade de Destinos	23
4.4. Risco de Viajar	24
4.5. Crises	27
4.6. COVID-19	29
5.Turismo Vianense, no Pré Pandemia	31
6.Objetivos	35
7.Metodologia.....	38
8.Cronologia de eventos a nível nacional	40
8.1. COVID-19 Viana do Castelo	43
9.Amostra de estabelecimentos Vianenses	47
9.1. Inquéritos	51
10.Resultados.....	53
10.1. Limitações	67
11.O Futuro do Turismo em Viana do Castelo	68
Considerações Finais	73
Referências Bibliográficas	78

Anexos	81
Apêndices	92
Apêndice 1.....	92

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto , 25 de junho de 2021

Francisco Rodrigues Antas

Agradecimentos

A presente dissertação de mestrado não teria sido concluída sem a ajuda e apoio de um grande número de pessoas.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Exmo.Sr.Dr. Luís Paulo Saldanha Martins que se mostrou disponível para me orientar desde o primeiro dia em que conversamos acerca da então proposta de trabalho. Para além disso, agradeço também o tempo e paciência que dispôs, assim como todas as recomendações que sugeriu. A sua prontidão e auxílio contribuíram em muito para o desfecho positivo desta etapa.

Em segundo lugar, agradeço a toda a minha família, especialmente aos meus pais que sempre me apoiaram e incentivaram a prosseguir esta carreira. Nada disto seria possível sem o apoio deles.

Quero também deixar uma palavra de profundo agradecimento a todos aqueles que colaboraram no meu trabalho de investigação, desde a resposta a inquéritos a conversas informais, que me permitiram avançar na investigação e apresentar este estudo.

Por último, quero agradecer aos meus amigos que sempre me incentivaram e ajudaram em tudo que conseguiram. Não esqueço nenhum deles visto que foram uma ajuda preciosa para a finalização deste ano. Uma palavra especial à Luísa, que sempre me motivou e me fez querer fazer mais e melhor.

Obrigado a todos.

Resumo

Após um ano complicadíssimo para a atividade turística mundial, é fundamental verificar e analisar quais as consequências de restrições e ausência de fluxos turísticos. Será abordado nesta dissertação o impacto que a COVID-19 teve nas atividades turísticas no município de Viana do Castelo, verificando o estado da situação no antes e pós pandemia.

Portugal é um país onde o Turismo contribuiu em muito para a economia, derivado à situação pandémica vivida em 2020 esta atividade viu-se muito afetada e limitada sofrendo várias quebras e alterações nos moldes de funcionamento. Perante isto, neste trabalho procuro abordar como foi influenciada a atividade turística em Viana do Castelo, expondo os valores de quebra e as principais alterações na atividade, desde despedimentos, modificações na forma de trabalho e afluência aos estabelecimentos nos anos de 2020 e 2021.

Para além disto, é também importante refletir sobre o futuro da região, no que diz respeito ao Turismo e pensar em novas alternativas que consigam ser sustentáveis para a região. No seguimento das perspectivas enunciadas, a alteração de estratégia de marketing e a aposta em diferentes mercados é um ponto importante para a divulgação e melhoria do turismo local.

Palavras-chave: Turismo, COVID-19, Crises, Risco, Viana do Castelo

Abstract

After a very complicated year for the world tourist activity, it is essential to verify and analyze the consequences of the limitations and absence of tourist flows. This dissertation will address the impact that COVID-19 had on tourist activities in Viana do Castelo, checking the state of the situation before and after the pandemic.

Portugal is a country where Tourism has contributed a lot to the economy, due to the pandemic situation experienced in 2020, this activity was very affected and limited, suffering several breakdowns and changes in the way it operates. Beside, in this work I search to address how tourist activity in Viana do Castelo was influenced, exposing the break values and the main changes in the activity, from layoffs, changes in the way of working and affluence to adaptives in the years 2020 and 2021

In addition to this, it is also important to reflect on the future of the region, with regard to Tourism and think of new alternatives that can be sustainable for the region. Following this, changing the marketing strategy and investing in different markets is an important point for the dissemination and improvement of local tourism.

Key-words: Tourism, COVID-19, Crisis, Risk, Viana do Castelo

Índice de Figuras

FIGURA 1- MAPA DE ENQUADRAMENTO DO MUNICÍPIO DE VIANA DO CASTELO	31
FIGURA 2- MAPA DE ALOJAMENTO LOCAL EM VIANA DO CASTELO	33
FIGURA 3- MAPA DE ENQUADRAMENTO DO NORTE DE PORTUGAL	81
FIGURA 4-CAPACIDADE DE ALOJAMENTO TOTAL EM 2019	82
FIGURA 5-CAPACIDADE DE ALOJAMENTO POR 1000 HABITANTES, EM 2019	83
FIGURA 6- NÚMERO DE DORMIDAS TOTAL, EM 2019	84
FIGURA 7- NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS TOTAL 2019	85
FIGURA 8- NÚMERO DE HÓSPEDES TOTAL, EM 2019	86
FIGURA 9- TAXA LÍQUIDA DE OCUPAÇÃO DE CAMA, EM 2019	87
FIGURA 10- ESTADIA MÉDIA NO ESTABELECIMENTO, EM 2019.....	88
FIGURA 11- TAXA LÍQUIDA DE OCUPAÇÃO DE CAMA,EM 2019	89

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1- VISITANTES POR NACIONALIDADE EM VIANA DO CASTELO, 2019.....	31
GRÁFICO 2- - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE DORMIDAS NOS ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS, EM VIANA DO CASTELO 2019.....	34
GRÁFICO 3- EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS, EM VIANA DO CASTELO 2019	34
GRÁFICO 4- ESTADA MÉDIA DE HÓSPEDES ESTRANGEIRAS/OS N.º DE NOITES, 2019	49
GRÁFICO 5- TIPO DE ESTABELECIMENTO INQUIRIDO	56
GRÁFICO 6- PERÍODO DE ENCERRAMENTO DOS ESTABELECIMENTOS, EM 2020	57
GRÁFICO 7- ESTABELECIMENTOS QUE FIZERAM,OU NÃO, ALTERAÇÕES NO SEU ESPAÇO.....	59
GRÁFICO 8- TIPO DE ALTERAÇÕES REALIZADAS	59
GRÁFICO 9- AFLUÊNCIA AOS ESTABELECIMENTOS, NO ANO 2020	61
GRÁFICO 10- PERCENTAGENS DE PERDAS DO ANO 2020	63
GRÁFICO 11- ESTABELECIMENTOS QUE EFETUARAM DESPEDIMENTOS.....	64
GRÁFICO 12- PROSPETIVAS PARA 2021, SEGUNDO OS PROPRIETÁRIOS.....	65
GRÁFICO 13-EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE HÓSPEDES NO NORTE DE PORTUGAL EM PERÍODO PANDÉMICO	74
GRÁFICO 14- PROVEITOS DE APOSENTOS POR CAPACIDADE DE ALOJAMENTO (MILHARES DE EUROS).....	90
GRÁFICO 15- ESTABELECIMENTOS QUE RECORRERAM A APOIOS/ FUNDOS ESTATAIS.....	90
GRÁFICO 16- OS APOIOS REVELARAM-SE ÚTEIS NA CONTINUAÇÃO OU RETOMA DA ATIVIDADE?.....	91
GRÁFICO 17- CARACTERIZAÇÃO DAS BUROCRACIAS DE CANDIDATURA A FUNDOS.....	91

Lista de abreviaturas e siglas

AIFSC.....AEROPORTO INTERNACIONAL FRANCISCO SÁ CARNEIRO

AL ALOJAMENTO LOCAL

CMVC.....CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO

UNWTO WORLD TOURISM ORGANIZATION

Introdução

O turismo pode designar-se como uma das principais atividades dos dias de hoje, sendo que o modo como teve lugar o seu crescimento foi notável e impressionante. O início desta atividade caracterizou-se por ser muito espontâneo e apenas reservado a uma pequena elite. Esta elite era formada não só por pessoas de estatuto social elevado, mas também por outros, designados por artistas. Segundo Plog, no artigo “Why Destination Areas Rise and Fall in Popularity”, a divulgação do Turismo, assim como o seu crescimento, ficou a dever-se muito a estes últimos {Plog, 1974}. Nos dias de hoje deparamo-nos com os “Influenciadores”, que como o nome indica, nos influenciam a comprar, e neste caso, a visitar.

À época, não existiam plataformas sociais, nem sequer tecnologia que permitisse aos artistas transmitir as suas vivências, nestes períodos de lazer. Apesar disto, os artistas começaram a representar estes espaços, visitados por eles, através da pintura, cinematografia, entre outros. Podemos dizer que estes foram os grandes divulgadores dos primeiros destinos turísticos. Sem dúvida que, hodiernamente, acedemos muito mais facilmente a toda esta informação e imagens, sem necessitar que alguém acabe a sua tela. À medida que fomos avançando décadas, verificou-se uma melhoria de acessibilidades e condições desta indústria. Esta situação demonstra a importância que o Turismo veio a ganhar ao longo dos anos, olhando para ele não só como uma forma de prazer, mas também como um negócio que pode ser bastante rentável e também uma forma de dinamizar e melhorar o espaço.

1. Problemática

A indústria turística tem sido uma das que mais tem crescido nos últimos tempos. Contudo, o ano de 2020 prejudicou, em muito, este setor e atividades associadas. Com a entrada no novo ano, deparamo-nos com a vinda de um novo coronavírus que atingiu, de forma drástica, a província chinesa de Whuan. Posteriormente, este vírus, designado por SARS- Cov2, ou, vulgarmente conhecido como COVID-19, acabou por se difundir por todo o globo, tornando uma situação epidémica numa pandemia, afetando por isso todo o território mundial. Toda a forma como o mundo funciona acabou por influenciar a difusão deste vírus, a globalização e a massificação do Turismo acabou por facilitar a sua propagação {Hilsenrath, 2020}.

Como sabemos, o turismo é um setor de atividade muito vulnerável e varia de frequência consoante a conjuntura e fatores externos. Sempre que vivenciamos algum tipo de crise, esta é uma das atividades que mais perde {Cró, S.; Martins, A. 2017; Ritchie, B.; Jiang, Z. 2019}. Apesar disto, normalmente, quando nos deparamos com algum tipo de crise, existe um ponto a favor, sendo este que a maioria dos territórios não são afetados. Aqui excetuam-se aqueles territórios cujas vulnerabilidades são elevadas e/ou estão no “centro” da crise {Cassedy, K. 1991}. Contudo, quando estamos perante uma pandemia, este cenário anula-se, visto que todos os territórios são afetados, obviamente, com diferenças expectáveis consoante o grau das fragilidades existentes em cada um destes. Neste momento existe um cenário que é muito difícil de compreender em termos humanitários. São pouco mais de 5 os países que concentram a larga maioria das vacinas existentes, sendo eles também países com melhor financiamento e qualidade de saúde e de vida. Esta situação evidencia bem o problema das vulnerabilidades no combate à pandemia. Com isto quero dizer que, normalmente, e aplicando um ditado popular, “uma desgraça nunca vem só”, substituindo este por uma vulnerabilidade nunca vem só. A questão passa por existirem tantas fragilidades que impedem o desenvolvimento do que quer que seja, num território. O caso português representa muito bem essa situação. A economia nacional apresenta números, onde a maior fonte de rendimento é o turismo, esta situação transmite que a economia estará muito fragilizada num cenário onde se vê impossibilitada de usufruir

daquele que é o maior trunfo nacional. O turismo é um setor frágil e dependente de cenários positivos para que possa ver os seus números crescerem. Numa situação pandémica, é óbvio que a economia será lesada e muito afetada com ausência de uma fonte de rendimento tão grande e significativa como a do turismo.

Com tudo isto, o Turismo sofreu uma queda abrupta dos seus números, face a anos recentes. Desde o início de 2020, mais concretamente desde o primeiro caso de Covid-19 registado na europa, que a frequência de rotas e passageiros turísticos começou a reduzir. O que para muitos não passaria de uma pequena paragem e de um género de gripe, dura já há mais de um ano. A questão principal que coloco é: “Quais são os impactos desta pandemia no turismo?”. Este tema é muito vasto e abrangente, impossível de ser tratado numa dissertação de mestrado. Desta forma, coloco a pergunta numa escala bem mais pequena, a local, mais precisamente no município de Viana do Castelo. Antes disso, convém relembrar a importância do Turismo, em Portugal, em termos estatísticos, reforçando a ideia anterior.

Sendo Portugal um país cuja atividade turística contribui de forma muito significativa para o PIB nacional (8.7% Fonte: INE (2019)) penso que é fundamental analisar quais foram os impactos da COVID-19. Num curto espaço temporal, podemos afirmar que o setor mais rentável da economia portuguesa reduziu as receitas muito significativamente, assim como todos os países, no ano em vigor. Aqui é fácil de demonstrar que a economia portuguesa é muito frágil, visto que depende bastante do setor do Turismo. O Turismo é um conjunto de atividades que dinamiza muito a economia mundial, assim como potencializa o território e aumenta a rentabilidade de um local, integrando e harmonizando o espaço público com as oportunidades existentes, oferecendo hipóteses de melhoria e crescimento da área. Contudo, não podemos referir apenas as potencialidades e cenários positivos. O Turismo está muito limitado por fatores externos, isto é, as pessoas afastam-se de eventos repulsivos, como por exemplo atentados, guerras, epidemias, entre outros. Com toda a certeza que afirmo que este é o grande problema do Turismo, e qualquer destino turístico, está demasiado dependente da conjuntura regional. Podemos dizer que existem sempre riscos associados ao turismo, ou seja, estamos mais expostos a riscos consoante maior

for a vulnerabilidade e ameaça {Ritchie, B. 2008}. Neste caso, existe uma ameaça global, a que todos estamos expostos. Acontece que, neste momento não nos é possível reduzir a vulnerabilidade à infeção por Covid-19, ou melhor, a única forma é a adoção de medidas de proteção. Apesar de, neste momento, o plano de vacinação já se encontrar em vigor, segue-se um longo caminho até ser atingida a tão esperada imunidade de grupo e mesmo aí, não sabemos como este vírus se irá comportar. Estas medidas reduzem a vulnerabilidade e o risco de contrair a doença, contudo expõem a economia e as indústrias a outras ameaças, as crises financeiras. É por isso que esta crise não tem comparação com outras, uma vez que se trata de um problema que ainda não nos é possível erradicar, sendo por isso a única solução oscilar entre mais ou menos liberdades, consoante a situação. Enquanto esta é a situação que se vivencia, são muitos os empresários que estão em grandes dificuldades, mostrando-se desesperados para manter custos, empregados e a própria vida. Ainda que o Estado tenha apresentado um conjunto de medidas e apoios para estes estabelecimentos e empregados, este está a ser visivelmente contestado e pouco significativo para a atividade turística.

Tendo isto, é importantíssimo avaliar a forma como a atividade turística se comportou ao longo deste ano. A imposição de restrições e limitações pôs em causa o funcionamento de muitas infraestruturas turísticas, vendo assim os seus números reduzidos. Desta forma, procuro avaliar que impactos existiram nesta atividade, tão necessária aos portugueses e, mais concretamente, aos vianenses. Para além disto é também importante verificar como se dará a retoma da mesma, e em que moldes. Assim, podemos dizer que, mais que a revisão bibliográfica teórica, é fundamental o trabalho de campo e de investigação, analisando diferentes perspetivas, de instituições, comerciantes e pequenos empreendedores. Com esta investigação pretende-se que sejam identificadas as principais consequências na atividade turística em Viana do Castelo, não só economicamente, mas também socialmente, visto que existe uma quantidade significativa de pessoas que estão dependentes deste conjunto de atividades, ou fortemente ligadas ao mesmo.

As primeiras medidas tomadas afetavam sobretudo estes estabelecimentos e prejudicavam em muito atividade turística. Perante a situação pandémica, o governo

decretou, em março de 2020, a quarentena obrigatória, excetuando algumas atividades, mas afetando todas as ligadas ao turismo. Nesta primeira fase não se previa de quanto tempo seria a demora na reabertura dos estabelecimentos, mesmo com as devidas medidas introduzidas. Durante este período foi introduzida uma medida particularmente interessante, designada como o “Selo Clean and Safe”. Este selo atestava a qualidade e demonstrava a segurança àqueles que a utilizavam. Uma medida particularmente interessante e necessária, de forma a atestar a higienização e segurança de um espaço. Este “prémio” é atribuído pelo Turismo de Portugal, que se certificava da existência de condições para o espaço se manter aberto ao público.

O que se verificou durante o ano de 2020, para além da quebra significativa de toda a indústria turística, foi a diminuição da procura, por parte de indivíduos não residentes. No passado ano, os visitantes condicionaram as suas movimentações, limitando-as ao necessário. Para além disto, podemos dizer que o perfil do turista também foi alterado. Enquanto, normalmente, seria de esperar uma grande procura de alojamentos, no ano de 2020 essa procura reduziu drasticamente. O turista nacional tornou-se o maioritário, não foram feitas tantas reservas, visto que este poderia regressar ao seu domicílio, sem necessitar de pernoitar, no local que visita, podendo acrescentar a procura por algum restaurante local, no entanto, sempre de forma mais limitada.

2. Questão Central

Neste trabalho, a questão central é facilmente enunciada, uma vez que o título já o dá a entender. No entanto, esta designa-se por “Quais foram os impactos da COVID 19, na atividade turística de Viana do Castelo?”. Uma vez que se trata de um tema muitíssimo atual, mas ao mesmo tempo em constante mutação, penso que será um trabalho muito pertinente. Tal como referi, o turismo português tem vindo a aumentar desde 2010 , sendo este um dos grandes contribuintes para a riqueza do Estado. Contudo, e nesta fase tão complicada para os comerciantes e pequenos empresários, é importante parar e perceber quais foram os verdadeiros impactos desta pandemia. Sendo Viana do Castelo uma cidade com uma vasta oferta turística, são muitos aqueles que a visitam, quer sejam turistas nacionais ou estrangeiros. O facto de esta se encontrar, geograficamente, tão próxima de pontos turísticos nacionais de destaque, como Porto, Braga e Guimarães, torna ainda mais aliciante a visita à mesma. Juntando a isto, podemos acrescentar o impacto significativo que os turistas espanhóis têm para o concelho, assim como as festividades da Sra. D’Agonia e mesmo os caminhos de Santiago de Compostela.

Para além disto, pode afirmar-se que Viana do Castelo nunca possuiu tantas infraestruturas e equipamentos ligados à atividade turística, desde unidades hoteleiras, restaurantes, alojamento local, entre outras. Tendo isto em conta e estando o turismo vianense numa fase tão próspera e ativa, como será que os mesmos investidores, empresários e agentes municipais, viram chegar uma doença infecciosa, que os impede de crescer e melhorar o espaço turístico? Penso que este ponto é crucial para a economia vianense e do Alto Minho, visto que os números têm vindo a crescer e cada vez existe uma maior procura da região.

Como afirmei, será muito difícil avaliar toda a situação económica ligada ao turismo, contudo penso que é necessário e possível perceber, de que maneira foi influenciado o setor. Juntamente com esta investigação, é oportuno abordar também referências para o futuro e de que forma e que soluções podem surgir num curto espaço de tempo.

3. Estado de Arte

Após o início desta investigação, já sabíamos que o turismo internacional sofreu muito e chegou a níveis semelhantes aos do final da década de 90, do século XX. Dito assim não parece ser tão grave como é, contudo, o tráfego aéreo verificou o seu maior pico no ano de 2019, ultrapassando de modo significativas os números do século passado e mesmo do início deste século.

Com a difusão do novo coronavírus, o Turismo viu os seus números reduzidos significativamente, como era de calcular. Percebemos que, existindo forma de aumentar a sua difusão, seria a permanência de circulação internacional. Em janeiro de 2020, existiam apenas casos em áreas circunscritas, mas, no final deste mesmo mês, o vírus já se tinha alastrado a outros territórios. Em fevereiro, o vírus começa a circular pela Europa, tendo o seu epicentro em Itália, surgindo a primeira morte em França de um turista chinês. Aqui percebe-se que, no espaço de um mês, a situação descontrola-se e passa de um surto numa pequena cidade, para atingir metade do planeta.

Após este crescimento exponencial, o turismo e as movimentações tiveram de ser reduzidos para o estritamente necessário. Consoante o tempo passava mais casos surgiam, o que levou os governos a encerrarem fronteiras e estabelecimentos que não fornecessem bens essenciais.

Viana do Castelo e Portugal não foram exceção, tendo sido decretado a 18 de março o primeiro estado de emergência, encerrando-se fronteiras e fechando-se estabelecimentos que não vendiam bens essenciais. Este encerramento estendeu-se até maio, impedindo atividades turísticas de laborar com as suas funções habituais, sendo que muitas readaptaram-se e tentaram reorientar o seu trabalho para outras situações, ou até mesmo para remodelar as infraestruturas.

Após um verão relaxado, muitos estabelecimentos reabriram e conseguiram equilibrar as contas, no entanto sendo pouco significativo para assegurar o restante ano. Desde aí, e consoante o desenrolar do tempo e investigação, verificou-se uma alternância de medidas por parte dos governantes as liberdades foram sendo alteradas mediante a situação que se vivia. Obviamente o governo e os especialistas tentaram proteger as

festividades e os períodos temporais que mais favoreciam a economia, nomeadamente o verão e o natal. Para além da questão do confinamento geral, de março a maio, surge em meados de outubro um novo conjunto de medidas que acabou por ser quase tão prejudicial como o regresso de um confinamento geral. O impedimento de circulação entre concelhos e permanência na via pública depois das 13 horas ao fim de semana, foi uma medida que lesou quase tanto como o primeiro confinamento. Em Viana do Castelo destacam-se dois picos de reservas do turismo, sendo eles o verão, culminando com as festividades da Romaria de Nossa Sra. D'Agonia, e o inverno, onde a época natalícia atrai muitos visitantes. No ano de 2020, o município optou por não realizar a tão famosa romaria, o que era expectável, devido à situação pandémica, contudo, esperava-se que um inverno um pouco mais proveitoso para a economia local e para os empresários. Este cenário não se verificou, vendo-se o país impedido de circular para fora do concelho de residência, durante o período referente a outubro e dezembro. Esta questão pode parecer pouco significativa, porque se trata de uma época mais baixa que o verão, contudo, é de evidenciar que no ano de 2020, mais concretamente, no mês de dezembro, existiam dois feriados à terça feira, o que proporcionava aos trabalhadores a opção de fazer “ponte”, ou gozar férias neste período, agregando dois fins-de-semana. Aqui nota-se que em anos normais, esta conjuntura iria proporcionar um aumento das reservas e visitas, não só na hotelaria, mas também em restaurantes e museus.

Toda esta situação, desde março, até hoje, demonstra bem as adversidades que todos os proprietários têm passado ao longo deste último ano. A entrada no novo ano e iniciação do plano de vacinação surgiu como uma luz ao fim do túnel, contudo esta é ainda muito pálida, visto que os estabelecimentos estão novamente impedidos de abrir, em pleno março de 2021. A falta de planeamento juntamente com o desrespeito da situação, por parte dos cidadãos, leva que se pense que apenas no próximo ano esta indústria regresse a níveis positivos, estando ainda longe daquilo que se vivia em 2019, visto por especialistas como o melhor ano do Turismo Português.

Após um período conturbado, tanto na economia como na saúde pública, vamos agora iniciar uma etapa que poderá ser difícil, no ato da retoma, mas ao mesmo tempo do qual se espera muita prosperidade. Há quem defenda que após o período pandémico

entraremos num período similar ao dos loucos anos 20 do século passado. A ideia que circula em muitos dos economistas, jornalistas e outros é que após um período negro como o que vivemos, o mundo nunca mais será igual. Desta forma, são esperados, por parte destes, um conjunto de ações e atitudes que não se esperariam caso não existisse um ponto de viragem como a Pandemia COVID-19. A questão que se pressupõe é a seguinte, como reagirá a atividade turística, sabendo que vinha verificando um grande crescimento, onde os destinos vinham a ser massificados, tentando introduzir o maior número de pessoas num metro quadrado.

Com este conjunto de acontecimentos é necessária uma mudança de mentalidade e aposta, por parte das nações e regiões. Sabendo que vivemos um período muito complicado, em que fomos sujeitos a muito desgaste psicológico, é preciso mudar o filtro e apostar na inovação e sustentabilidade. Não me refiro única e exclusivamente à questão ambiental, mas sobretudo à parte demográfica, urbana e turística. Se pensarmos bem, e complementando o meu raciocínio com o que o jornalista da CNN, Fareed Zakaria disse no seu novo livro “Ten Lessons for a Post-Pandemic World” “as cidades tornaram-se no perfeito caldeirão para o vírus” esta citação é bem explícita, e mostra-nos que o sobrepovoamento de grandes centros urbanos, gera inúmeros problemas, desde a habitação à higiene, entre outras {Zakaria, 2020}. O mais impressionante é que a maioria destes centros urbanos densamente povoados recebe milhares de euros para serem visitados, ou seja, as pessoas procuram estes espaços. Parece estranho, mas o humano consegue surpreender, e com a quantidade de destinos que poderia escolher, acaba sempre por seguir as massas indo ao encontro com tudo o que se faz, seguindo as tendências.

Como calculam, este ritmo de crescimento não pode ser acompanhado durante muito tempo, porque irá levar a ações insustentáveis desde a especulação imobiliária, a remissão de residentes para as periferias, entre outros. É nesta situação que entendemos bem o que Plog (1974) diz no seu texto, eventualmente estas áreas que tão procuradas são, esgotam o seu interesse e ficam destruídas, no verdadeiro sentido das palavras. Nenhum espaço pode crescer infinitamente, visto não possuem os recursos para continuar a crescer e ao mesmo tempo cidade vai perdendo a sua identidade ao

empurrar os habitantes para fora da mesma. Devido a este deslocamento dos residentes o espaço começa a tornar-se similar em quase todos os locais que visitamos, gerando-se uma descaracterização do espaço urbano.

É neste cenário que temos de construir o Turismo de Futuro, trabalhando para melhorar as condições e a forma como este é realizado. O turismo existe para valorizar o que já há num certo espaço, se esta premissa não for cumprida não vale a pena de todo investir nesta atividade. Como sabemos esta atividade tem vindo a crescer e cada vez é mais interessante para possíveis investidores. É nesta situação que os municípios e órgãos responsáveis nacionais têm de agir, impedindo que os espaços se tornem idênticos a outros. Uma das características que mais é valorizada para o turismo do futuro é a diferença é a melhoria do espaço e ainda a autenticidade de um lugar. Quando existe isto e o espaço está harmonizado com todos os seus intervenientes, desde residentes a turistas, sabemos que vai ser benéfico para todas as partes. Quando existe uma cooperação e convivência entre os diversos espaços e indivíduos irá ser possível que a atividade cresça, não em tamanho, mas em qualidade, que no fundo é o que todos procuram. Vão sempre existir opositores no que diz respeito ao turismo, visto que é uma atividade que pode afetar a sociedade e o espaço de residência e gerar-se um mau estar, contudo é importante equilibrar a balança e não entrar em extremismos, que impeçam ambas as partes de coabitar.

4. Revisão de Literatura

4.1. Turismo

O turismo é um conjunto de atividades que tem verificado um crescimento muito significativo ao longo do tempo, sendo que, em meados do século XX não tinha adquirido a dimensão ou expressão que atingiu depois da segunda grande guerra mundial, crescendo sobretudo no final do mesmo século, e ainda mais com a entrada do novo milénio.

Para isto acontecer existiu uma profunda alteração de pensamentos e ideologias existentes. Podemos destacar a crescente preocupação com a saúde mental, que levou à procura por atividades que proporcionassem momentos de lazer e distração da vida caótica, da maioria dos indivíduos. Associado a isto, foram também melhoradas as condições de viagem, desde as estradas, ferrovias, transportes marítimos e aéreos. A melhoria destas, permitiu a criação de um cenário de maior confiança, face à mobilidade de média/longa duração e, conseqüentemente, permitiu um aumento da sua frequência.

Para além disto, foi visível a forma como a atratividade de locais variava, consoante o seu público-alvo. Plog (1974), demonstra bem esta situação, no seu texto, “Why Destinations Areas Rise and Fall in Popularity” O que verificamos é que a atratividade de um local é variável, consoante o tempo, mas também conforme o seu público. Isto é, o que se tem verificado, e comprovado pelo modelo de Butler, é que um destino, não terá sempre a mesma popularidade, vai variando com constantes mutações e fatores externos, que afetem a atratividade de um espaço {Butler,1980}. Com o turismo de massa, isto passou a ser ainda mais evidente, verificando-se que certos locais se tornam cada vez mais visitados, no entanto à medida que o tempo passa verifica-se um decréscimo destes. O que podemos retirar do texto de Plog é, sem dúvida, a importância que a personalidade dos indivíduos possui na escolha da viagem que vão realizar, sendo que inicialmente os destinos são mais iguais a si próprios, com uma pequena quantidade de serviços e infraestruturas, torna a sua procura menos apetecível. Esta situação atrai aqueles que buscam a aventura e são destemidos, indo ao encontro de um território

simples que pouco tem, para além da grandeza do património natural. À medida que se vão incluindo mais serviços voltados para os turistas, estes espaços perdem a magia para os aventureiros, começando aí a busca de um novo público, que pretende uma menor ligação com a aventura, e vai em busca de uma estabilidade e uma segurança, para os que os visitam. Isto demonstra bem um ciclo, ciclo este que pode ser bem representado através do já referido, Modelo de Butler. O que Butler transmite trata-se da ideia que um destino não tem a mesma atratividade ao longo da sua “vida”. Esta ideia, mais concretamente o gráfico representativo demonstra efetivamente que há um período onde a atividade estagna e é necessário avaliar o caminho que se quer seguir. O ponto chave é seguido de várias opções, um acréscimo, um decréscimo, ou uma constante, mediante aquilo que se quer para a área. Aqui são os governantes e responsáveis pelo turismo que necessitam de avaliar e procurar se quais são as condições que estão a trabalhar e qual será o melhor rumo para o destino, lembrando sempre que a qualidade estará sempre a cima da quantidade.

4.2. Evolução do Turismo

Tal como já foi expresso anteriormente, o Turismo foi ganhando importância no panorama mundial, em meados do século XX. Antes disto podemos dizer que de facto este existia, contudo numa escala muito pouco significativa. Percebe-se o porquê de este ganhar importância, muito ligado à mudança de pensamento das gerações, mas ao mesmo tempo, pela melhoria significativa dos meios que permitiam uma movimentação mais célere. Esta melhoria e a massificação do turismo permitiu que o crescimento fosse cada vez maior, permitindo que a atividade turística verificasse um grande crescimento com a mudança do milénio.

Associado a isto, surge o modelo de Butler, que transmitiu de uma forma gráfica aquilo que acontecia assim que um destino começava a ganhar popularidade. Esta ideia demonstra aquilo que todos sabemos, será difícil encontrar destinos que possam crescer para sempre. O Turismo não se deve limitar a crescer na quantidade, mas deve também melhorar as suas condições adaptando-se ao meio e à natureza que o rodeia. É muito fácil de afirmar que ainda se pode efetivar um maior crescimento, contudo, é

necessário adequar este crescimento consoante o espaço e a população. É aqui que o turismo deixa de ser apenas um momento de o lazer, para quem o procura, e passa a ser um negócio e um bem para a região que o oferece. É por isto indispensável que seja bem planeado e de forma eficiente, crescendo quando assim o necessita, mas decrescendo quando o contrário acontece. É nestas situações que entram não só as necessidades dos turistas, mas também a dos residentes. É fundamental encontrar um ponto chave que permita o desenvolvimento do espaço, respeitando-se todos aqueles que o usufruem. O turismo deve, para além de ser um objeto de lazer, deve ser sobretudo uma forma de desenvolvimento do território, protegendo os seus bens naturais e residentes, impedindo assim de se gerar um *overtourism*. O termo de “overtourism” é relativamente recente, tendo sido usado nos últimos anos, fruto da forma como esta atividade tem crescido. A forma como o turismo cresceu em certas regiões acabou por se tornar um risco para as mesmas. O facto de passar a existir uma circulação tão massificada, tornava evidente certos problemas, desde logo ambientais, políticos e urbanos {Koens, K.; Postma, A.; Papp, B. 2018}. De forma a evitar-se um colapso na atividade, é fundamental agir de forma inteligente, preparando as regiões e cidades para o turismo, de maneira sustentável. A promoção de um Turismo infundável e lucrativo é uma realidade que precisa de ser alterada, tendo em vista a longevidade e o interesse de certos destinos.

4.3. Atratividade de Destinos

A questão da atratividade de um destino é muito discutida e estudada por muitos cientistas. Plog (1974) realizou um estudo bastante abrangente que demonstra como os destinos se comportam, consoante a sua evolução. Este estudo demonstra que a atratividade depende não só do destino, mas da personalidade do indivíduo que o procura. Isto significa que para além das condições que hajam, a maior influência do destino vai ser exercida por o turista e a sua perspetiva de lazer. Estas situações demonstram que à medida que estes locais comecem a alterar certos aspetos característicos, vai afastar um número de indivíduos, mas ao mesmo tempo atrair outros. Desta forma, os destinos têm uma predestinação da qual não podem fugir, apenas adiar e alterar alguns aspetos. Consoante esta ideia, percebe-se que os destinos

têm de ter um público alvo, ainda que este não seja fixo, isto é, este destino pode verificar alterações que atraem outro tipo de pessoas, contudo, nunca se vai poder agradar a eixos opostos, como refere Plog.

Penso que a junção das ideias do texto de Plog (1974), com Butler (1980), criam uma reflexão bastante importante, que todos os destinos devem ter, aquando discutem a forma como devem evoluir. Ainda que estes dois exemplares sejam datados do século passado, não podem ser considerados obsoletos, pelo contrário, devem ser tidos em conta e utilizados como obras de referência. A atual situação, remete-nos muito para planeamento do Turismo para o Presente e para o Futuro próximo, que é literalmente nos próximos meses e anos.

4.4. Risco de Viajar

Associado ao lazer e ao turismo, existem sempre mil e um riscos que podemos correr, a fim de concretizar a experiência a que nos predispomos a vivenciar. Se repararmos bem, o risco nunca é zero, ou nulo, ele existe e é maior quanto maior for a vulnerabilidade existente. Contudo, cabe-nos a nós decidir se este é um risco que vale a pena correr, ou não. Perante isto, podemos chegar à conclusão que para viajarmos, ou visitarmos algum espaço, estamos sempre dependentes de fatores externos, que não dependem de nós. Cada vez mais, existe um maior número de riscos, associados a estas atividades, contudo da mesma maneira, existem também cada vez menos vulnerabilidades e suscetibilidades para que estes ocorram. Isto transmite a ideia de que é seguro, viajar, é seguro deslocar-nos e vivenciar novas experiências.

A verdade é que tal como Slovic refere, o risco existe e é uma constante, contudo, a perceção do mesmo é diferente perante o indivíduo e a situação. Isto significa que apesar de o risco ser o mesmo para todos os indivíduos que se encontram na mesma situação, este não é perceptível da mesma forma, para todas as pessoas. {Slovic, 1987; Bauer, 1960} O facto de este ser diferente consoante o indivíduo, remete-nos para a reflexão inicial, “Será o proveito maior que o risco?” Neste momento, num cenário pandémico, cada vez mais as pessoas refletem sobre este assunto, juntando-lhe ainda uma outra variante, o da perceção de risco. Aqui, Slovic, no seu estudo anteriormente

referido, expõe diversas ideias que são aplicadas no cotidiano de cada indivíduo, nomeadamente no sair à rua. Partindo da ideia que não existe uma pandemia, quando um indivíduo sai de casa pode deparar-se com inúmeros riscos, desde ter um acidente de automóvel a ser atingido por um raio. Estas situações, uma mais provável que outra, não deixam de ser uma contrariedade para a vida deste mesmo indivíduo, contudo o mesmo não fica sentado em casa à espera da morte (mesmo aí corre riscos). Laws e Prideaux afirmam que o impacto da crise depende da escala, o que é demonstrativo da situação vivida atualmente. Uma vez que vivenciamos uma crise global, os impactos tornar-se-ão de escala mundial {Laws, E.; Prideaux, B. 2005}.

No turismo vivemos da mesma forma, sendo que existe um número significativo de pessoas que gosta de vivenciar experiências mais ricas em adrenalina, assim como o contrário. Claro que não se podem comparar situações como a da realidade que atualmente vivemos, contudo existem sempre pessoas a achar que o risco é menor que o proveito. Partindo do princípio da existência de risco, existiam inúmeros países que nunca teríamos a oportunidade de visitar, como por exemplo o Japão, a Indonésia e Taiwan. Estes três países são frequentemente noticiados nos telejornais como epicentros de catástrofes naturais, no entanto são países que têm turismo muito presente. O que é que isto significa? Que para quem os visita, a experiência de conhecer uma região tão interessante e bela é mais importante de que o risco de existirem um tremor de terra ou umas cheias. Isto é também um ponto muito referido no artigo de Plog, que aborda as características de indivíduos na escolha de certos locais para visitar. Para além disto, a perceção de risco de cada indivíduo terá também grande influência na sua escolha {Bauer, 1960}. Estes dois artigos, são muito importantes para uma reflexão sobre o Turismo num futuro próximo, porque ainda que os números pandémicos estejam a diminuir, é importante perceber que, até que estes acabem levará um longo período de tempo, portanto, neste período de tempo deixará de existir Turismo? Não, obviamente. Claro que certamente surgirão alterações de forma a manterem-se os níveis de segurança altos, contudo ninguém está livre do risco. Desta maneira, é importante abordar as diferentes personalidades. Se por um lado existem pessoas que desvalorizam o risco, do outro existem os que exageram no risco e ainda os

que são moderados. Este conjunto de pessoas representam de uma forma muito geral a população mundial, nacional e local (Aqui excluem-se outros fatores que impeçam as pessoas de procurar este tipo de espaços).

Juntando este tópico com o anterior, podemos compreender bem e adaptar aquilo que Plog afirma no seu trabalho, existem espaços para cada pessoa. A pandemia veio acentuar esta ideia, desde janeiro de 2020 que as pessoas procuram um destino turístico, utilizando este filtro, será um espaço propício a ser infetado? Será o risco compensatório? No artigo de Reichel e Fuchs é discutido este mesmo assunto, de que forma um risco não afeta a escolha do destino turístico para férias? {Fuchs, G.; Reichel, A., 2006}. Com o surgir de eventos de crise existe sempre um risco associado em viajar para fora do nosso espaço residencial, contudo cada vez menos se verifica uma redução dos mesmos. Não obstante, o impacto da crise que se vivencia afeta mais um espaço quanto maior for a sua escala e vulnerabilidades {Laws, E.; Prideaux, B. 2005}. Um dos principais benefícios do turismo atual é a globalização, esta difusão de informação e passageiros permitiu que a atividade crescesse de uma forma muito significativa. Contudo, a globalização não trouxe única e exclusivamente pontos positivos para o mundo. A COVID-19 deve-se em grande parte à globalização, à rápida movimentação no espaço e a interconexão dos espaços. Assim que existe uma grande difusão e mobilidade, tanto de informação ou de indivíduos, surgem diversos riscos que podem tornar-se perigosos, para as regiões e para os indivíduos {Welfens, 2020}. Ritchie (2004), com o seu trabalho “Chaos, crises and disasters: a strategic approach to crisis management in the tourism industry” apresenta um conjunto de situações que demonstram bem aquilo que se passou. O ser humano está cada vez mais vulnerável a este tipo de eventos e cada vez será mais difícil de conter este tipo de problemas, devido à facilidade de deslocação em massa. O mundo global é muito mais rápido e eficiente na sua “movimentação”, desta forma, estão também associados riscos, que vão ser tanto maiores, quanto maiores as vulnerabilidades {Ritchie, 2004}.

4.5. Crises

Em momentos de crise, podemos verificar que o setor de atividade turística é um dos que mais sofre, sendo que as crises nem sempre se tratam de momentos ligados a dificuldades económicas, mas a muitas outras situações que põem em causa a normalidade de um processo. Todas as crises são diferentes, contudo, mesmo não sendo especialista percebe-se que todas elas deixam danos. Nos últimos anos são desde logo três momentos que marcaram o mundo, falamos de crises que atingiram o globo e não crises de pequena escala. Com a viragem do milénio, surgiu a primeira grande crise e esta teve particular efeito no setor da aviação, o 11 de setembro. Para muitos este é um ponto crucial na formulação do mundo atual, obviamente que o mercado turístico foi fortemente abalado com esta situação. Esta tragédia ainda que grave do ponto de vista humanitário, não pode ser comparada com outras, nomeadamente a crise financeira de 2009. Tal como disse, as crises são sempre diferentes e têm implicações divergentes, consoante a área onde acontecem. Nestes dois exemplos, é bem observável o ponto de divergência. Juntando a estas duas crises à que estamos a viver percebemos que todas são muito diferentes e atingem atividades diferentes, contudo, todas elas vão causar problemas no dia a dia e nas diversas economias. Ponto assente é que em todas elas, quer sejam de origem local, nacional ou mundial, o turismo vai se deparar com impedimentos e será o maior lesado, no que diz respeito a atividades económicas.

A crise da aviação no pós 11 de setembro foi muito complicada para o setor do turismo, uma vez que se verificou uma falta de segurança muito grande, o que levou às pessoas a considerar esta forma de deslocação como mais perigosa de que outras. Desta forma, no ano seguinte ao atentado, os números de visitas a Nova Iorque e aos Estados Unidos da América, baixaram significativamente, fruto desse receio. Esta situação assemelha-se ao que vivemos, no entanto a uma escala muito maior. Correndo o risco de me repetir, tal como Laws e Prideaux afirmam, a crise dependerá sempre da escala a que tem impacto. Visto que o 11 de setembro foi um evento divulgado à escala mundial, os EUA verificaram um decréscimo significativo no tráfego aéreo. Da mesma forma

analisamos que a crise pandémica atual vivida, criou condicionantes que atingiram todo o globo.

Para encontrar uma situação parecida com a atual, teríamos de recuar cerca de um século e mesmo assim nada seria comparada com a que vivemos atualmente. É certo que o mundo já viveu situações que se poderiam assemelhar à crise pandémica da Covid-19, contudo há uma pequena grande diferença, tratavam-se de situações locais, de pequena escala. No que diz respeito a atual é importante demonstrar que inicialmente se tratava de um pequeno problema local e transformou-se numa pandemia. Segundo Bauer (1960), “Crisis can occur on a scale spectrum that commences with local and ranges through to global.” Na viragem do milénio a Ásia deparou-se com uma epidemia que condicionou bastante a mobilidade e matou um elevado número de indivíduos, no entanto estas situações mantiveram-se como controladas e centradas numa pequena superfície. Com este conjunto de exemplos conseguimos compreender que estes fenómenos de crise podem afetar cidades, regiões, países, continentes ou até o mundo {Williams, A.; Baláž, V., 2014}. Para que estas crises sejam compreendidas necessitamos de aborda-las pela base das mesmas. Se tomarmos a COVID-19 como o exemplo, percebemos que o problema surgiu como um desastre a nível local, onde Whuan lidava com um surto de uma variante que causava pneumonia, o que estava a destruir a saúde dos residentes e de quem os visitava. Esta situação ainda que preocupante, tratava-se de um problema local ao qual não se deu a devida importância. Após isto estendeu-se ao país e ao continente, gerando alguma desconfiança para o ser humano comum, mas sem sendo um problema que se considerasse grave. Posteriormente, quando esta infeção é declarada como um problema grave e abrangendo a escala global aumentou-se o nível de alerta e desde logo se percebeu que traria grandes consequências a nível mundial, quer económicas como sanitárias.

Segundo a UNWTO, no primeiro trimestre de 2020, as chegadas a nível internacional verificaram um decréscimo de 22%, face a 2019 e esperava-se que chegassem entre a 60 a 80 % no ano inteiro. Estes números são muito significativos para uma atividade que contribui de grande forma para a economia mundial. A juntar a isto, podemos perceber o impacto que existiu sobre as economias cujo o PIB depende destas atividades para o

bem-estar do país. Segundo Welfens (2020), o efeito da pandemia vai ser visível sobretudo em economias frágeis que dependem bastante do conjunto das atividades turísticas, o que provocará uma regressão do poder económico e do poder, do poder de compra e até mesmo da qualidade de vida daqueles que dependem desta atividade. Para além da justificação da redução da mobilidade entre regiões, é apresentada outra que é bastante mais fácil de explicar, o medo. O medo em situações desconhecidas é um facto e é perceptível visto que o ser humano teme aquilo que não conhece. Num artigo de 1990, de Strong é afirmado que este tipo de infeções que se difundem com muita rapidez são propícias a situações de pânico e receios entre os seres humanos, o que limitará as suas ações do quotidiano {Strong, 1990}. Esta situação é uma das mais verificadas no ultimo ano em que uma grande maioria da população abdica de certas atividades ou convívios, fruto do receio em contrair a doença. Estes receios normalmente são estendidos a longos períodos temporais e frequentemente mais extensos que o próprio surto {Bali Stweart & Pate; 2016 Zheng Ritchie; 2021}. É certo que estes receios complicam a atividade turística, que depende sobretudo de movimentações no espaço e a frequência numa área pouco abrangente com vários indivíduos, provenientes das mais diversas regiões.

4.6. COVID-19

Outro aspeto importante a abordar é a modificação da atividade em si. Cada vez mais o turista procura espaços e experiências que não são massificadas, os indivíduos procuram por uma fuga da rotina das pessoas e do próprio ambiente a que estão expostos no quotidiano. Perante estas situações vão surgindo cada vez mais e novas opções, com o intuito de melhorar a qualidade das férias dos turistas, mas ao mesmo tempo manterem um determinado espaço atraente, sustentável e agradável. Com este conjunto de ideias e juntando a preocupação ambiental que tem vindo a aumentar nas ultimas décadas, foram muitos aqueles que iniciaram pela procura deste mercado, assente na qualidade e sustentabilidade.

A COVID-19 veio apressar as mudanças no turismo, alterando paradigmas e ideias. Algumas das alterações que se vão verificar são bastante simplistas e surgiram ligadas à

higienização dos espaços e à prevenção do risco de infecção em espaços turísticos {Wassler,P.; Fan, D 2021; Bhaskara,G. ; Filimonau,V., 2021 }. No entanto, são muitas as conclusões/ consequências que se registaram e ainda se vão registar na atividade turística, nos próximos anos. Uma das situações que mais discussões tem gerado é a sustentabilidade da atividade. Sabe-se que a atividade turística tem contribuído bastante para a poluição e são muitos os que se opõem a estes encargos, contudo nem sempre é fácil ou mesmo possível evitar certos problemas relacionados com os recursos ambientais e até mesmo os recursos dos destinos turísticos.

5. Turismo Vianense, no Pré Pandemia

Viana do Castelo é considerado um ponto turístico influente, no norte de Portugal e no Alto Minho (Fig 1.) Apesar de estar numa localização bastante privilegiada não podemos exagerar na expectativa para o turismo local. Como já dito, Viana do Castelo está sob influência de dois universos diferentes, referentes ao turismo. O primeiro trata-se do mercado nacional onde há uma grande mobilidade turística para a região. O segundo são os “vizinhos” espanhóis, provenientes essencialmente da Galiza. Claro que existem também outros mercados que visitam a região, contudo não podemos designá-los como de elevada importância para o município, nomeadamente europeus (Gráfico 1).

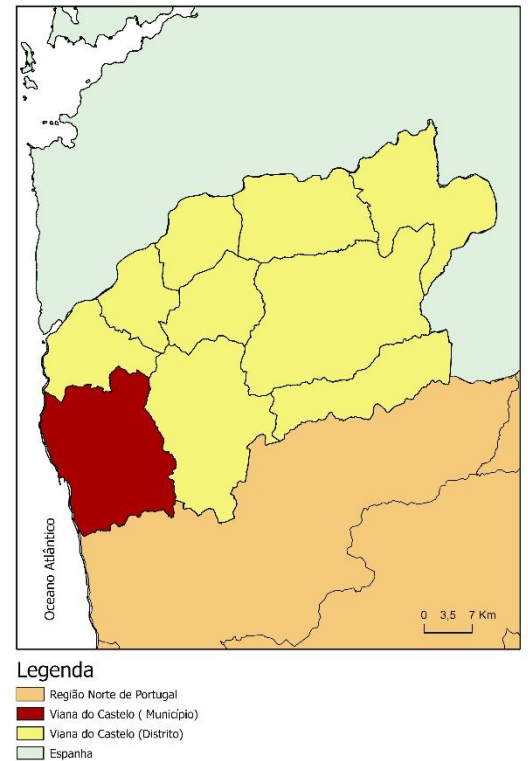
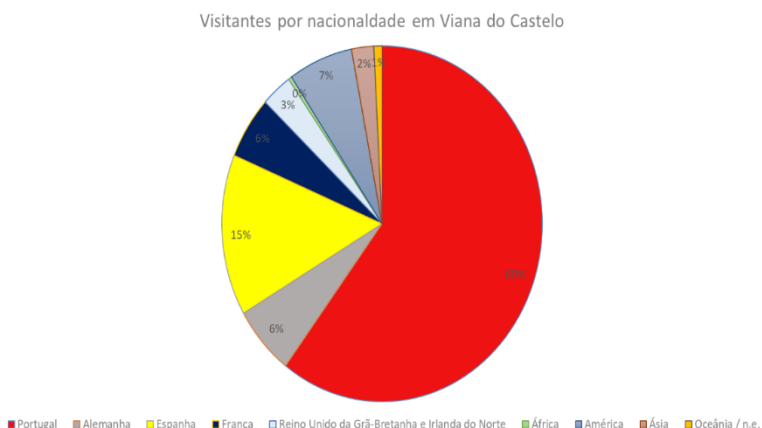


Figura 1- Mapa de Enquadramento do Município de Viana do Castelo

Gráfico 1- Visitantes por Nacionalidade em Viana do Castelo, 2019



Tal como já foi dito, Viana do Castelo não é um dos principais pontos turístico do norte de Portugal, contudo podemos dizer que é uma região a ter em conta (Figura 4,5,7,8). A proximidade de diversos pontos importantes, bem como a proximidade da fronteira com Espanha, torna o local muito apetecível. Nestes moldes percebe-se que existe uma margem de manobra e de crescimento bastante significativa, sendo também fundamental que esta se mantenha fiel às matrizes do turismo vianense, assente na valorização do território e melhoria económica, sem esquecer a tradição e a qualidade.

É importante demonstrar que, apesar de ser um lugar com pouca área, Viana do Castelo apresenta uma grande diversidade turística, muito devido à biodiversidade da região assim como a natureza da mesma. Limitada a oeste por uma grande faixa costeira, permite que os turistas usufruam de belas paisagens e de um turismo de sol e praia muito forte na época balnear. Diante desta opção surgem muitas atividades relacionadas com o lazer e desportos náuticos, o que atrai um grande número de turistas que se deslocam para praticar modalidades náuticas. Num passado recente, Viana do Castelo tem aberto diversas escolas e cursos ligados a atividades náuticas de lazer que verificaram um crescimento significativo, acrescentando infraestruturas de interesse para este público. Entre estas infraestruturas, destacam-se o Centro de Alto Rendimento de Surf, modalidade que cresceu muito na década passada. Destacam-se também escolas de Surf, Kite Surf e Wind Surf, atividades que têm sido cada vez mais praticadas na costa vianense, devido às condições naturais.

Complementado com isto, os caminhos de Santiago de Compostela acabam por também ser um pilar e parte significativo do turismo vianense, na época de verão. Ao longo do percurso é visível a localização e implementação de serviços destinados aos peregrinos, aumentando o gasto médio na região. Estes percursos estão cada vez mais frequentados por um número significativo de turistas. Pode-se afirmar que o pico de afluência do turismo em Viana do Castelo é em agosto, mês onde se inserem as festividades e a Romaria de Nossa Sra. D'Agonia, evento que atrai um grande número de turistas à região.

Com esta variedade de atividades por parte do território vianense quer de lazer, quer históricas ou gastronómicas, foi verificado um aumento tanto da oferta como da procura no município minhoto. Com o aumento da importância de Portugal no panorama do turismo internacional, foram muitas as regiões que verificaram acréscimos tanto na procura como na oferta (Gráficos 2 e 3.). Estando integrada na Região do Porto e Norte de Portugal, Viana do Castelo usufrui de vantagens que lhe permitem ascender nos rankings de turismo. A estas vantagens associamos a proximidade das regiões mais visitadas, como Porto e Braga, assim como do AIFSC. A diversidade de ligações eficientes, desde as rodoviárias, como por exemplo a A28, a linha ferroviária do Minho, que procedeu a eletrificação, no passado verão de 2020. Para além disto, Viana aparece como um ponto importante para os turistas provenientes da região da Galiza. A proximidade fronteiriça, juntamente com a cooperação entre as empresas ferroviárias permitem que se desenvolva uma rota turística interessante, tanto para o norte de Portugal e, neste caso, Viana do Castelo e a região galega. Todas estas infraestruturas acabaram por “encurtar” o espaço entre os principais pontos de afluência turística do Norte de Portugal e também da região galega.

Com a mudança do século Viana do Castelo verificou um crescimento do número de turistas a visitarem a região, muito devido à diversidade paisagística e à criação de novos espaços ligados ao turismo. Sem dúvida que este crescimento da atividade foi benéfico para a economia da região e impulsionou a implementação de mais e melhores

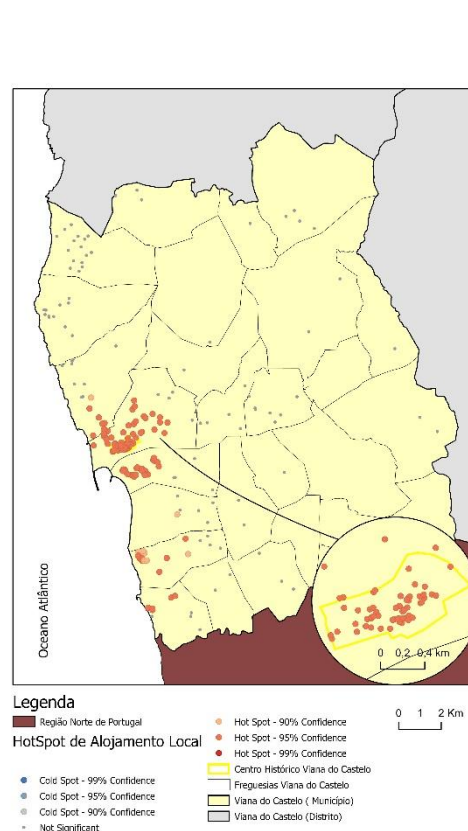


Figura 2- Mapa de Alojamento Local em Viana do Castelo

alojamentos, restaurantes e outras atividades relacionadas. Para além de um crescimento de infraestruturas hoteleiras tradicionais, Viana do Castelo viu o Alojamento Local a crescer e a fixar-se na cidade e no município. Como vemos na figura 2., o território vianense possui um grande número de unidades de AL, situadas sobretudo no centro histórico vianense.

Apesar de um período complicado após a crise económica, entre 2009 e 2011, Viana do Castelo superou as adversidades e conseguiu catapultar o turismo e o número de visitas para números nunca antes vistos (Gráfico 2.).

Gráfico 3- Evolução do Número de Estabelecimentos Hoteleiros, em Viana do Castelo 2019



Gráfico 2- - Evolução do Número de Dormidas nos Estabelecimentos Hoteleiros, em Viana do Castelo 2019



Como é verificado nos gráficos representados, Viana do Castelo vinha a registar subida após subida, nos números ligados à atividade turística. Complementando estes dados com alguns testemunhos, o que se perspetivava era uma continuação na ascensão do turismo vianense. Segundo diversos entrevistados, o ano 2020 estava a superar em todos os parâmetros o anterior. Com um primeiro semestre bastante lucrativo para a região, o mês de março acaba por chegar com más notícias para a região e para toda a atividade.

6. Objetivos

Neste ponto serão definidos e enunciados os principais objetivos desta dissertação de mestrado. Obviamente, a decisão de estudar um tema como o turismo teve que ter em conta uma grande variedade de fatores, desde logo, a importância que este conjunto de atividade constituiu para a nossa economia, como anteriormente enunciado. Por outro lado, a crise pandémica atualmente vivida, despertou inúmeras curiosidades acerca do processo e da forma como esta indústria se comporta em momentos de crise, sabendo que a conjuntura é importantíssima para um bom desenvolvimento deste setor. Como sabemos, as crises afetam em muito as sociedades e dentro delas há atividades como o Turismo que sofrem mais que a maioria das restantes. Estas interrupções inesperadas colocam certas dificuldades e desafios a todos que dela fazem parte {Boukas, N.; Ziakas, V., 2013}.

Estando perante uma situação de elevado risco, é importante redefinir prioridades para o bom aproveitamento do território e todos os seus recursos. Aqui é importante perceber que o tema não se restringe a turismo ou a pandemias, mas sim a todos os elos de ligações com a sociedade, economia e território, onde integramos os elementos anteriores. Vivendo uma situação catastrófica e de dificuldades, tanto a nível económico como de saúde, é importante perceber como será elaborado o trabalho de pesquisa, desde logo perceber que há muito que não podemos responder. Inicialmente, é fundamental ser realista e entender que este é um tema muito recente e pode até ser precoce aborda-lo já, contudo penso que é importante e interessante tentar responder a certas questões. Limitando a escala, para uma menor é interessantíssimo ver como uma região com uma certa cultura turística reagiu a uma crise tão dramática como a atual.

Desta forma, é necessário, em primeiro lugar, caracterizar este setor, ou seja, é importante que seja demonstrado como a atividade turística decorria no município, no período anterior à pandemia. Esta caracterização é um passo importante para realizar uma comparação com o ano de 2020 e os mesmos períodos em anos ditos como

normais. Só desta forma se conseguirá perceber o peso que a atividade turística tem para o município, uma vez que ficamos com um conjunto de dados que demonstram como era a procura, em períodos ditos como normais. De forma a simplificar o estudo, irei ter por base o ano de 2019, este ano mostrou-se bastante positivo e implementou um crescimento no turismo, tanto a nível nacional como regional. Como irá ser representado posteriormente, o ano de 2019 verificou uma subida interessante para os números regionais, integrando já um crescimento há muito registado.

Posteriormente, é crucial abordar a questão dos períodos de confinamento e de que forma limitaram o quotidiano dos estabelecimentos e dos seus trabalhadores. Durante o ano de 2020 e 2021, foram diversas vezes que estes estabelecimentos se viram obrigados a encerrar portas ao público, obedecendo a restrições impostas pelos governos nacionais e locais. Estas imposições chegaram no início de março de 2020 e podemos dizer que até hoje, março de 2021, ainda não terminaram. Foram muitos os empresários que não se conseguiram manter a si e aos seus estabelecimentos, neste ponto tento expressar aqui o modo como se comportou a oferta e de que forma foi afetado o negócio, relatando também a questão de encerramentos provisórios ou em definitivo. Para dar resposta a esta situação espero conseguir reunir com diversos indivíduos e entidades, que possam dar diferentes perspetivas da situação. Como fui entendendo, os espaços turísticos tiveram impactos diferentes muito devido à sua vocação e serviços prestados. Existem vários constituintes da atividade turística, que atraem diferentes pessoas e atuam em diversos mercados, posto isto existem casos que se tornaram ainda mais vulneráveis que outros, inseridos na mesma atividade.

Pretendo também verificar como se reinventaram estes negócios, como ultrapassaram e de que forma como tentaram providenciar o serviço que prestam. Vimos que em muitos locais, nacionais ou internacionais, foram exploradas opções que permitiram a sobrevivência de certos negócios. Neste ponto pretende-se observar algumas destas situações, comprovando se são casos de sucesso, ou foram mal sucedidas na região vianense. Como é expectável, foram diversas as alterações que ocorreram durante o período pandémico, desde a alteração dos espaços, à reformulação dos serviços. Perante a situação requer-se uma abordagem que permita entender se o serviço

ultrapassou o problema com distinção ou se a pandemia veio descobrir outros problemas associados aos negócios.

Por último, penso que seja interessante avaliar a estratégia de turismo do município, uma vez que podemos dizer que com a entrada neste novo ciclo, muitas são as alterações aos mercados e até a forma de como se realizam estas atividades ligadas ao turismo. Verificar este tipo de situações e reformular a fórmula, de forma a chegar ao público alvo, é fundamental para conseguir recuperar este setor, tão importante para economia portuguesa e municipal. Indo ao encontro do ponto anterior, aqui é preciso afinar os objetivos e apostas, permitindo a que este se mantenha sustentável e lucrativo, não só a nível económico como social e urbano.

Com este conjunto de objetivos, pretendo que seja descrita e exposta a situação do turismo vianense e dos serviços que o integram. Perante um ano péssimo para esta área, pretendo também verificar de que maneira os apoios estatais foram eficientes para estes espaços, cooperando com empresários de forma a entender se o processo de aquisição destes apoios foi facilitado e se foram suficientes para a manutenção e sobrevivência dos mesmos. Sabendo desde de o princípio da investigação que a atividade turística procurou por muitos apoios face às dificuldades que teve, é importante entender se estes fundos chegaram às mesmas e se foram eficientes na resposta à crise vivida na atividade.

7. Metodologia

Para a realização desta dissertação são fundamentais a utilização de duas metodologias a investigação, mais concretamente o trabalho de campo, e os dados estatísticos, tanto fornecidos pelas Fontes, como recolhidos no âmbito deste trabalho. Neste momento a economia e o turismo estão condicionados pela pandemia COVID-19, sendo, portanto, necessário a adaptação de novas formas de trabalhos de forma a serem superadas as adversidades e circunstâncias impostas pela mesma.

Posso afirmar que para conseguir entender este tema tão complexo, o primeiro pilar foi sem dúvida a revisão de literatura científica, relativa à situação pandémica. São muitos os exemplares que surgiram ao longo do passado anos, sendo cada um deles importante, ainda que cientificamente possam ter sido ultrapassados muito rapidamente. Nestas situações em que existe uma novidade na comunidade científica, são muitos os que se dedicam ao problema e vêm rapidamente o seu paradigma a ser ultrapassado. A questão do COVID-19 é ainda mais propícia a situações dessa natureza, contudo estas investigações abrem portas a novas formulações e novos progressos, poupando tempo a outros investigadores, como por exemplo, no meu caso.

A questão do estudo de dados é muito pertinente, pois permite-me que seja feita uma caracterização e também uma comparação com o ano de pandemia e os outros. Dados estatísticos são muito úteis não só para isto, mas também para corroborar teorias e informações que damos por adquiridas, e até mesmo para desmentir mitos e teorias falhadas. Nesta situação acho que a utilização deste método é muito pertinente e também necessária. Obviamente que será impossível calcular aos centésimos quais foram os impactos desta pandemia, contudo a utilização de vários dados permite que se tenha uma perceção e se consiga avaliar como a pandemia afetou o turismo vianense, de uma forma geral. Penso que essencialmente, os dados estatísticos permitem-me demonstrar como é que a atividade turística ocorria e o peso que tinha para a autarquia, podendo dar respostas eficientes e simples, sem rodeios e obstáculos.

Posteriormente, os dados recolhidos serão ainda mais importantes. Na comunidade científica sabemos que os dados surgem com um atraso significativo, dependendo da

sua urgência. Estando ainda com uma linha cronológica bastante curta, penso que estes dados, ainda que sejam apenas uma amostra e muito reduzidos, face à dimensão concelhia, serão uma excelente forma de fazer uma representação do turismo vianense, em período pandémico.

De forma a conseguir expressar esta informação de uma forma clara e objetiva, irei utilizar a representação cartográfica das infraestruturas e estabelecimentos turísticos. Desta forma consigo demonstrar como está disposta geograficamente, mas ao mesmo tempo consegue-se apresentar uma contagem dos estabelecimentos. Esta representação, para além de cartográfica, contará também com grafismos que podem ser verdadeiramente úteis para a perceção da importância da atividade turística no município vianense, fazendo referência também aos locais mais preenchidos, no que diz respeito a estas atividades.

Por ultimo, foi realizado um inquérito que teve como objetivo a recolha de dados que suportassem a narrativa e permitissem tirar conclusões de como se comportou a atividade turística no ano de 2020. Este questionário coloca um conjunto de 10 questões que têm o objetivo de perceber como foi afetada a região no que diz respeito ao turismo. Inicialmente são colocadas questões simples, como o tipo de estabelecimento e em que período temporal foram obrigados a encerrar ao público. Posteriormente, passa-se para a questão de modificações realizadas pelos estabelecimentos, em prol da continuação da realização de atividade. Outra das questões interessantes para avaliação do impacto produzido pela COVID-19 é estimar quais as percentagens de perdas, relativamente ao ano anterior e se mediante a estas foram obrigados a despedir colaboradores. De forma a compensar estas atividades, o Governo e as autarquias injetaram fundos e forneceram apoios. Procura-se saber quais dos estabelecimentos recorreram a estes fundos e apoios, e se os mesmos se revelaram úteis para a prevalência dos mesmos. Para além disto, procura-se saber se as burocracias foram de candidatura foram simplificadas, adequadas ou excessivas. Por ultimo, é pedida uma caracterização da afluência aos estabelecimentos no ano de 2020 e um prognóstico para o que falta do ano 2021.

Este conjunto de questões foi a base para a resposta à questão central deste trabalho. Obviamente que se trata de um inquérito com uma amostra reduzida (25 inquiridos), no

entanto, a meu ver, é demonstrativa e heterogénea o suficiente para a consolidação do meu estudo.

8. Cronologia de eventos a nível nacional

Como já afirmado anteriormente, o Turismo em Portugal encontrava-se num pico de afluência, no início de 2020. Os números registados até a data de março, eram muito encorajadores e superiores a anos anteriores, tanto a nível nacional como a nível local, e aqui refiro-me a Viana do Castelo.

Com a entrada do mês de março, surge uma cambalhota neste fluxo de turismo, sendo que no segundo dia do mês Portugal registava os primeiros casos desta doença que tanto afetou a economia nacional. Ainda na primeira semana de março, a companhia aérea TAP cancelou inúmeros voos provenientes e destinados a Portugal. Mediante esta preocupação, foram cancelados inúmeras reuniões, serviços públicos e aplicadas variadíssimas restrições no acesso a espaços públicos, nomeadamente a unidades hospitalares. Tudo isto gerou um sentimento de incerteza por parte da maioria da população portuguesa, estando a par do que se passava em Itália e na China, os países que mais sofriam com esta pandemia. A segunda semana de março é um dos momentos chave da pandemia a nível mundial, no dia 11 de março é declarado que a COVID-19 é uma doença que se alastrou à escala mundial, portanto, passa a ser designada como uma pandemia. Nos dias seguintes, o governo opta por a tomada de medidas conservadoras e protetoras da saúde nacional, suspendendo atividades letivas presenciais. A juntar a isto, verifica-se também um recuo da afluência a espaços ligados ao turismo, restauração, cultura e lazer.

A meio do mês de março, o governo propõe um conjunto de medidas com o intuito de redução da propagação da doença, que no dia seguinte, 13 de março, iria ser aprovado pelo Exmo. Sr. Presidente da República Portuguesa. Mais tarde, no dia 16 de março

ocorre o primeiro óbito no país, proveniente da doença. Dois dias após o óbito o Presidente da República declara o estado de emergência em todo o território nacional, reduzindo significativamente a circulação na via pública.

Após dois meses de estabelecimentos encerrados, liberdades limitadas e confinamentos gerais, a 30 de abril, o governo aprova uma transição de estado de emergência para calamidade. Este período inicia-se posteriormente, a 3 de maio. Contudo, os restaurantes e cafés só abriram portas a 18 de maio. Mais tarde, a 7 desse mês, o governo proíbe os festivais e eventos similares a estes, até setembro. Estes eventos são normalmente bastante importantes para o turismo de diversas regiões, o que levou a ainda mais cancelamentos de estadias, previamente marcadas. No final do mês de maio, o governo aprova a terceira fase do plano de desconfinamento, com medidas diferentes mediante a situação local. A 18 de junho de 2020, o governo prolonga o apoio às empresas com o “Lay-off” simplificado, até ao final do ano. Mais tarde, a 1 de julho de 2020 o país, deixa de estar em estado de contingência e passa a estar em estado de alerta, excetuando na Área Metropolitana de Lisboa. Nesta fase da pandemia eram registadas até à data cerca de 47000 infeções e 1600 mortes.

Com a entrada no verão, a situação parecia mais ao menos controlada por parte do governo e das autoridades de saúde, mostrando-se positivos numa recuperação económica e financeira. A 3 de agosto de 2020, Portugal regista o primeiro dia sem óbitos, desde o início da pandemia. Este conjunto de indicadores e de dados, vinha a comprovar o “bom comportamento” dos portugueses nos primeiros meses de pandemia, com o intuito de, como disseram os principais governantes, “salvar o verão”. Durante este período abriram-se fronteiras e aumentaram-se as liberdades de circulações. Contudo, isto seria sol de pouca dura, visto que com o início do ano letivo e a mobilidade que se verificou nos meses de verão, iria a levar a um aumento do número de casos.

Com o início do ano letivo e do regresso de centenas de portugueses de férias ao local de trabalho, é decretado o estado de contingência até 30 de setembro. Mais tarde nessa semana, o primeiro ministro, Exmo. Sr. Dr. António Costa, convoca o gabinete de crise para a reunião de urgência derivado aos números de casos diários ter verificado uma

aceleração. Semanas após este decreto verifica-se um novo máximo diário com 1646 casos, fruto desta aceleração foram emitidos alertas e das entidades responsáveis e a meados de outubro verificou-se um aumento do grau de alerta de contingência para calamidade. Junto com este alerta surgem novas proibições desde ajuntamentos com mais de 5 pessoas a eventos familiares com mais de 50 pessoas.

Percebemos que nesta fase do ano, a pandemia começa a crescer descontroladamente a nível nacional e a 22 de outubro o recorde de casos diários é elevado para mais de 3000 casos, registando-se também valores máximos nos internamentos. Desta forma o Governo restringe a mobilidade entre concelhos, impedindo a circulação entre eles ao fim de semana. Dias depois passa também a ser obrigatório o uso de máscara em espaços públicos. Mediante a situação, é proposto pelo Presidente da República um estado de emergência entre 9 e 23 de novembro de forma a prevenir e a reduzir o número de incidências. Após estas restrições os casos continuaram a subir e posteriormente é registado um novo máximo de casos diários.

Com a chegada da época festiva o governo alerta para os ajuntamentos e os contactos, mantendo ainda o estado de emergência até dia 23 de dezembro. Esta altura do ano é propícia a ajuntamentos e a deslocações, com o calendário favorável a fins de semana prolongados os estabelecimentos hoteleiros e de atividades turísticas foram bastante lesados, visto que as restrições e impedimentos não permitiam a receção de hóspedes ou turistas provenientes de fora dos municípios.

Indo de encontro com alguns dos países europeus, Portugal permite que se possa circular entre os dias 23 e 26 de dezembro com o intuito de “dar um voto de confiança” e uma pequena abertura aos portugueses, para que o natal seja celebrado em família. Após este período temporal, o centro hospitalar de São João inicia o processo de vacinação no território nacional.

Com o ligeiro desconfinamento os casos multiplicaram-se e voltou-se a um estado de preocupação muito elevado e inicia-se o ano de 2021 com preocupações redobradas, visto que os números voltaram a crescer. O mês de janeiro do ano de 2021 começou da pior forma com a renovação do estado de emergência e os números continuaram a

crescer, batendo-se recordes em quase todas as semanas. A fevereiro Portugal vê-se obrigado a pedir ajuda à União Europeia, por falta de mão de obra, chegando ao território português uma equipa constituída por 26 profissionais de saúde, proveniente da Alemanha. Após várias semanas de pressão no SNS, a meados de fevereiro, começam a ser visíveis melhorias, contudo é anunciado pelo Presidente da República que o estado de emergência se manterá até pelo menos março.

Depois de um início de ano muito complicado, em março começa-se a observar melhorias significativas, fruto do confinamento obrigatório, mas também da iniciação do processo de vacinação. A 11 de março o primeiro ministro apresenta um plano de desconfinamento gradual. Com esta cronologia nacional, percebe-se que o que se passou no nosso país foi uma situação muito difícil de gerir e com vários passos certos, mas também errados. Foi verificado também que existiu uma preocupação em preservar as alturas como o verão e no natal, com intuito de os portugueses puderem desconfinar. Contudo, este conjunto de medidas apesar de socialmente terem sido eficazes, na perspetiva económica e da saúde acabaram por pesar muito.

8.1. COVID-19 Viana do Castelo

Como o resto do país e inserido nas medidas anteriormente enunciadas, Viana do Castelo passou de forma discreta na importância dos números de infeções. Contudo, os estabelecimentos viram-se também obrigados a restringir, encerrar e adaptar os seus negócios. Ainda que seja considerada uma cidade de pequena/média dimensão, para a realidade portuguesa, a cidade minhota não é detentora de uma elevada densidade populacional. Uma das realidades da cidade de Viana do Castelo é o fraco sistema de transportes, o que leva a população a optar por uma deslocação em veículos próprios, o que também limita o contacto, reduzindo riscos.

Outro ponto importante é a dimensão do município, que sendo bastante diversificado em termos paisagísticos, não possuiu uma área tão extensa como era de prever, face à mesma. Perante isto, não estou a afirmar que Viana do Castelo teve sempre uma pandemia controlada, até porque em diversas alturas do ano de 2020 e mais tarde 2021, verificou-se uma grande incidência no número de casos, na região.

Os piores meses neste concelho foram sem dúvida já em 2021, entre janeiro e fevereiro, quando a situação se complicou em todo o país. Viana do Castelo obteve o maior número de incidência de casos e também a maior afluência aos serviços hospitalares, nos dois primeiros meses de 2021. Não obstante, nunca foi excedida a lotação máxima do Hospital de Santa Luzia. Perante isto, verificamos que mesmo com situações mais graves em todo o território nacional, Viana do Castelo sempre se soube conter e reprimir quando assim o tinha de ser. Esta circunstância permitiu que a cidade e o município minhoto tivessem um verão tranquilo e com alguma normalidade dentro de um período conturbado para a economia e saúde nacional, regional e municipal.

Perante este conjunto de acontecimentos, Viana do Castelo teve um período relativamente positivo para a atividade turística, nos meses de verão. Mediante conversas tidas com vários proprietários, percebe-se que apesar da dificuldade vivida até a data do verão de 2020, este período acabou por ser minimamente interessante para a economia local. O facto de terem sido retomadas liberdades aos turistas e à população em geral, permitiu que o prejuízo não fosse tão avultado como na época de primavera e mesmo no outono e inverno seguinte.

Como foi perceptível na exposição cronológica das medidas tomadas a nível nacional, o período de outono e inverno foram trágicos para atividade turística, uma vez que se viram fortemente limitadas. A entrada em vigor da limitação de circulação entre concelho aos fins de semana e ainda a imposição de encerramento a partir das 13 horas, aumentou o prejuízo, voltando a desequilibrar as contas, após um verão competitivo, face à situação. Este conjunto de medidas veio com o intuito de reduzir a incidência do número de casos, mas também de proporcionar aos portugueses uma época natalícia relativamente normal, face às circunstâncias. Este cenário foi aceite por parte do cidadão comum, contudo, piorou em muito a condição financeira de espaços ligados ao turismo, gerando inúmeros protestos por parte dos empresários e responsáveis do turismo. Para além do impedimento de funcionamento ao fim de semana após as 13 horas, a restrição de mobilidade causou grandes impactos nas atividades ligadas ao alojamento. Não existindo circulação as pessoas permaneciam nos seus domicílios e não procuravam espaços para pernoitar. Do mesmo modo, a questão dos encerramentos

dos restaurantes e cafés às 13 horas, “desmotivava” os consumidores a frequentarem estes espaços para, por exemplo, almoçar, devido à escassez de tempo.

Podemos afirmar que o período de inverno, altura onde normalmente há um pico de visitas em muitos locais, nomeadamente Viana do Castelo, saiu bastante lesado derivado às restrições entre outubro e dezembro. Na viragem do ano, verificou-se uma subida a pico do número de casos em Portugal, fruto da maior elevada na época de festas. A abertura das fronteiras e o regresso de muitos emigrantes, juntamente com as reuniões familiares acabou por levar a uma propagação elevada do número de casos. Outro aspeto que se tornou muito significativo foi a propagação da estripe britânica, que se caracteriza por uma maior transmissão. O regresso de muitas centenas de emigrantes acabou por ser letal para a disseminação desta variante. O aumento de números obviamente não se limitou a esta estripe, mas a um conjunto de comportamentos verificado na época natalícia, que mais tarde se viria a considerar um erro. Posto isto, com a entrada do novo ano os números subiram significativamente, o que levou ao decreto de um novo confinamento geral. Esta foi uma das piores alturas para atividade, pois já tinham vivido um ano particularmente difícil e não eram visíveis melhorias. A falta de bases financeiras em diversas instituições e espaços, levou a um período complicadíssimo para esta atividade. Apesar disto, o inquérito realizado no âmbito desta investigação não abordou o período de 2021, visto que não seria possível adquirir dados para fundamentar as diversas ideias. Com o a entrada no novo ano com o concelho em estado grave, penso que é possível compreender que o início de 2021, foi muito mais trágico comparativamente com 2020. O novo confinamento e o grande aumento de casos em Viana do Castelo, afetou significativamente a atividade no município. Posto isto, nesta altura, ainda não existem dados focados no município, mas sim os que são fornecidos pelo INE, referentes à região Norte. Nestes dados, representados em relatórios mensais, o que se verificou foi a dificuldade da recuperação económica do conjunto de atividades turísticas. O primeiro trimestre do ano de 2021 foi muito negro para este conjunto de atividades e ainda, como era de esperar, muito inferior ao do ano passado, visto que a pandemia apenas atingiu o território nacional em março, ou seja no final do 1º trimestre. Nestes dados, comprova-se que até à data

os meses de janeiro e fevereiro verificaram quebras de quase 100%, na região Norte o que demonstra a dificuldade que a atividade vive nos dias de hoje. (Gráfico 13.)

Apesar disto, com base nas conversas, inquéritos e até artigos de opiniões, existe uma maré de positividade na atividade turística, no pós COVID-19. Como já disse em alguns capítulos anteriores, existem diversas opiniões, mas a mais consensual é a que as atividades relacionadas com o turismo possam verificar uma ascensão e escalar a níveis semelhantes aos anteriores a pandemia. Segundo diversos investigadores, após um período conturbado na economia, no quotidiano é comum o ser humano querer voltar a realizar atividades de lazer, contudo é fundamental apostar na segurança transmitindo tranquilidade e confiança aqueles que as procuram. Esta premissa não se aplica única e exclusivamente a situações de férias e deslocações, mas sim a diversas ofertas locais, como por exemplo jantar fora, visitar um museu, ou fazer um trilho na área de residência. O que se verificou neste ano foi a diversidade de ofertas turísticas que existem perto da nossa residência e o impedimento na mobilidade proporcionou o crescimento e o ganho de importância do turismo local e nacional. O facto de cada vez mais o quotidiano de um indivíduo normal estar cheio e impossibilitado de se ausentar com frequência ou reduzido no número de horas, é sem dúvida uma oportunidade e uma possibilidade no crescimento do turismo local. Neste cenário, Viana do Castelo consegue oferecer um largo leque de possibilidades, permitindo uma grande diversidade numa pequena área territorial.

Sabendo disto, após a reabertura dos espaços, com a entrada em vigor do novo plano de desconfinamento, permite que sejam abrangidos novos mercados, explorando-os de forma que não vinha sendo feito até agora. O conjunto de atividades turísticas tem de se tornar mais versátil e mais empenhado em atrair o público que o atrai. Considerando a diversidade da região e a formação de novas ideias e paradigmas de turismo, é crucial redefinir estratégias. A formulação de novas hipóteses e a aposta em serviços e experiências de tudo o resto revelar-se-á como uma aposta ganha para a região. A entrada em novos mercados poderá ser um dos pontos de viragem para o turismo vianense, apostando num turismo diversificado, tradicional e autêntico e sustentável

pode não só atrair um maior número de turistas, mas ao mesmo tempo valorizar e melhorar o espaço municipal.

9. Amostra de estabelecimentos Vianenses

Consoante foi abordado ao longo desta dissertação, o papel do trabalho de campo será fundamental para a construção dos resultados, num ano complicadíssimo para o turismo. Aqui é preciso ter em conta que a opinião dos gestores e responsáveis das organizações são muito importantes para a perceção da situação económica destes mesmos estabelecimentos. Com ajuda destes interlocutores conseguimos demonstrar o cenário que se vive, recorrendo a estimativas e à opinião dos empresários/responsáveis. Obviamente que estes dados são escassos e representam apenas uma pequena amostra da situação real, ainda que bastante heterogéneos. Contudo, e uma vez que não existem dados mais detalhados e atuais, é uma solução bastante útil e imprescindível para este tipo de avaliações.

Durante a investigação, foram vários os estabelecimentos com que interagi, recebendo algumas respostas e conseguindo alguns dados, que se mostraram interessantes e significativos para o avançar da investigação. Ao longo deste ano, realizei entrevistas com diferentes entidades, nomeadamente unidade hoteleiras, museus, restaurantes e até mesmo representantes do município. Nestas conversas/entrevistas, foram abordados temas como o ano de 2019, o início de 2020 e a forma como a pandemia se desenrolou ao longo do ano de existência. Em todas as conversas, com diferentes indivíduos, existiram vários pontos comuns, nomeadamente a cautela, face ao que ainda está para chegar e a concordância que Viana do Castelo cada vez mais se afirma como um ponto importante do Turismo do Norte de Portugal. Para além destas, existiu também uniformidade em afirmar que 2019 e o início de 2020, estavam a ser muito positivos para o desenvolvimento do turismo da região vianense.

Como sabemos, o mercado vianense é sobretudo frequentado por turistas nacionais e espanhóis, tendo sofrido um impacto significativo ainda que não tão preocupante como outros pontos nacionais, como Lisboa e Porto, que são mais dependentes da atividade

turística. Contudo, verificaram-se perdas semelhantes e proporcionais, face aos números de investimento em cada região.

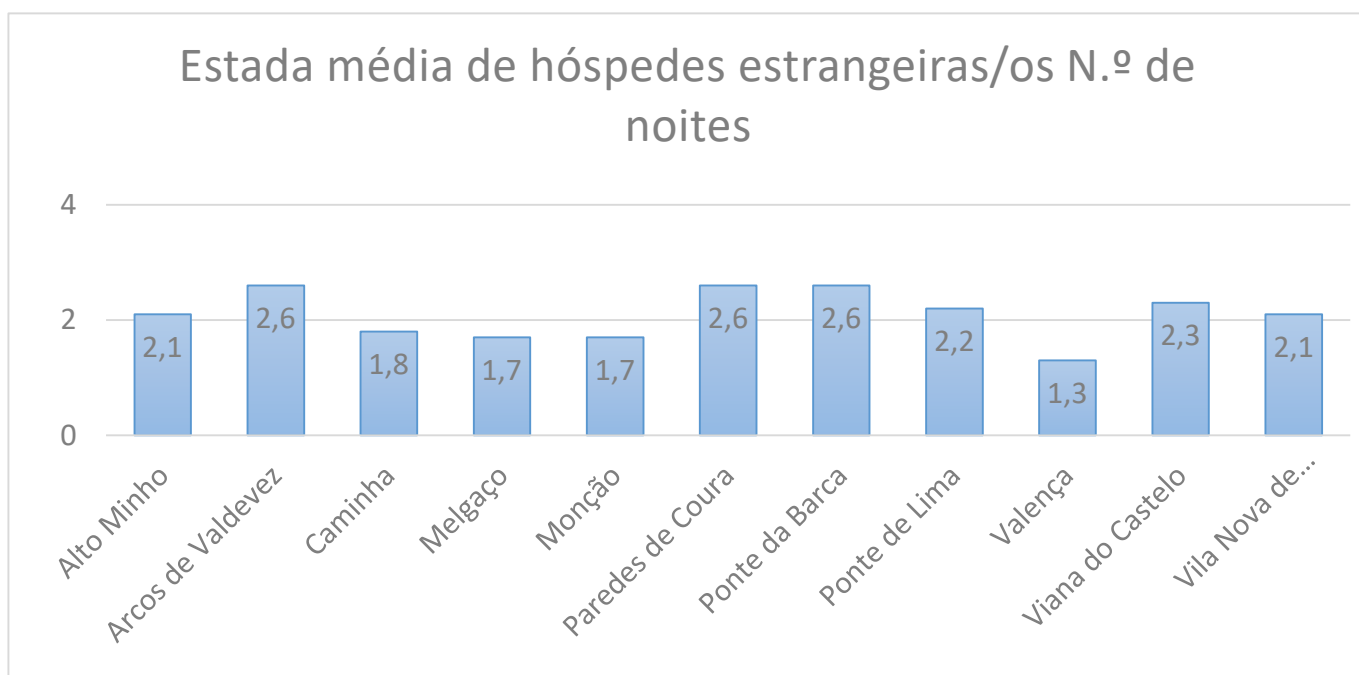
Desta forma, foi realizado um questionário, com o intuito de chegar a um maior número de estabelecimentos. A realização deste inquérito, permitiu-me que as conversas com os responsáveis, fossem traduzidas para dados estatísticos, ainda que de uma pequena amostra da população em estudo.

Para além destes inquéritos, foram realizadas reuniões com alguns destes responsáveis, permitindo-me, inicialmente, compreender quais foram as preocupações mais significativas para quem possuía um negócio ligado ao Turismo. Desde já saliento três responsáveis de estabelecimentos com os quais tive o privilégio de discutir, o diretor do Hotel Flôr-de-Sal, a gerente do Hotel/Restaurante Laranjeira e a diretora de Marketing do Navio Museu Fundação Gil Eanes. Estas conversas ocorreram em períodos distintos, sendo a primeira, com o Diretor do Hotel Flôr de Sal, em meados de outubro, a segunda, com a responsável de Marketing do Navio Gil Eanes, em novembro e a última, em dezembro. Dado a diferença temporal ocorrida entre as três discussões. Os problemas discutidos foram diferentes, muito devido à conjuntura e ao tipo de negócio e serviço que proporcionam cada estabelecimento. As duas primeiras entrevistas ocorreram numa altura onde iriam começar a vigorar medidas de impedimento de circulação entre

concelhos, ao fim de semana, e a proibição de circulação depois das 13 horas, também no mesmo período.

Estas restrições levantaram descontentamentos nos dois entrevistados. O fim-de-semana é um período importante para rotas turísticas do Norte de Portugal, sendo uma região com pouca área, os turistas procuraram-na muito para este tipo de férias. Pode-se dizer que Viana do Castelo depara-se com muitos destes turistas, sendo que mais ao menos a média de estadia situa-se nas 2 noites por turista (2,3 noites) (Gráfico 4.), o que remete, ainda que não exclusivo para fins de semana. Este período restritivo ocorreu desde outubro até ao Natal, época forte para o turismo vianense, gerando-se mais

Gráfico 4- Estada média de hóspedes estrangeiras/os N.º de noites, 2019



perdas para os espaços.

Posteriormente, foi realizada uma outra entrevista com a sócia gerente da pousada/restaurante “O Laranjeira”, da mesma forma que os anteriores, como qualquer empresário que foi entrevistado, levantaram-se muitas preocupações. No entanto, este estabelecimento, tinha uma particularidade que, embora fosse muito afetado, conseguiu colmatar alguns dos problemas. Esta Pousada/Restaurante, ao contrário dos

outros, tem um mercado não exclusivo turístico, situação que veio a decrescer com a imposição do Teletrabalho. Desde que o trabalho se deslocalizou para as casas dos colaboradores, foram cada vez menos as unidades hoteleiras a receber hóspedes que os procuravam em período laboral. A Pousada Laranjeira trabalhava assim antes do período pandémico, contudo a situação de confinamento e as diversas restrições vieram diminuir a procura deste serviço. Outro aspeto que complicou o funcionamento desta unidade hoteleira foi o aparecimento de um caso COVID-19, que levou ao encerramento temporário das infraestruturas hoteleiras. Posto isto, conseguiu manter algum dos seus rendimentos, única e exclusivamente devido ao Take-away, do restaurante.

Noutra perspetiva, outro dos estabelecimentos com o qual manteve contacto foi a “Guest House Sta. Luzia”, que verificou muitas alterações nas suas funções. Ao contrário de outros estabelecimentos que encerraram ou adaptaram o seu negócio de forma a prestarem serviços semelhantes, este estabelecimento alterou em muito o *modus operandi*. Após um semestre completamente desastroso e com muitas poucas reservas, com a entrada de o novo ano letivo, a Guest House alterou as suas funções de alojamento turístico, para residência estudantil. É certo que este processo não poderia ser aplicado a todos, contudo foi uma mais valia para o espaço, que celebrou um protocolo com o Instituto Politécnico de Viana do Castelo e a Câmara Municipal de Viana do Castelo, onde viu as suas infraestruturas manterem-se ativas. Como disse e como foi referido em algumas entrevistas, o espaço verificou quedas de rendimento significativas, mesmo com a reestruturação, contudo foi a opção mais vantajosa que a confraria encontrou para a prevalência do espaço. Esta opção não deixa de ser um caso de sucesso e de reinvenção, contudo o alojamento vive dias incerto e ainda não sabe o que o futuro lhe reserva, visto que esta não será uma opção muito duradoura, muito menos eficaz nos períodos de férias.

Nem todos os estabelecimentos estiveram tão satisfeitos como outros, existiu um proprietário que se mostrou completamente desanimado e pouco amparado pelo Estado e CMVC. Ao contrário dos outros, que apesar da situação se mostraram satisfeitos com os apoios e com o próprio ano, mesmo que condicionado, o estabelecimento em questão afirmou que de facto não existiram apoios suficientes e

que perderam uma grande parte dos seus rendimentos anuais. De referir que este estabelecimento tinha uma presença muito forte com os turistas estrangeiros, nomeadamente alemães e holandeses.

Outro ponto de vista recolhido foi o da Câmara Municipal de Viana do Castelo, é justo dizer que se trata de um dos depoimentos mais oportunos para a construção da narrativa e para a comparação com a amostra recolhida. Neste documento são transmitidas muitas ideias que já haviam sido referidas ao longo da dissertação, sendo estas importantíssimas para a demonstração da importância da atividade turística na região, mas ao mesmo tempo da forma como está a ser encarada a situação. Segundo a Dra. Eliana, Viana do Castelo apresenta-se como o ponto turístico mais atrativo na região do Alto Minho, apresentando indicadores e número de visitas muito interessantes, face à dimensão do município. Para além destas referências a apoios e iniciativas tomadas por parte do município, existe também uma linha que aponta para o futuro da atividade na região. O que se verifica é a ambição de Viana do Castelo entrar em mercados que não têm sido tão favoráveis à região. De forma a tornar isto possível, os responsáveis municipais apontam à inserção do Turismo Vianense, em variadíssimas feiras internacionais, impulsionando o produto local no território nacional e internacional.

9.1. Inquéritos

Sabendo que a pandemia teve início no ano passado, mais precisamente em março de 2020, no território nacional, era complicadíssimo adquirir dados que demonstrassem as dificuldades que as atividades turísticas tiveram. Desta forma, para a continuação da investigação, elaborei um inquérito curto para submeter a uma amostra de estabelecimentos que se enquadrassem neste conjunto de atividades. Este questionário foi realizado para obter o máximo possível de respostas. Consequentemente, optei por um formato mais curto e objetivo, facilitando a resposta aos intervenientes e posteriormente o tratamento da informação, na parte analítica.

Desta forma, foram colocados cerca de 200 inquéritos a diferentes estabelecimentos e instituições, contudo, apenas uma escassa minoria respondeu. Não sendo esta a

situação ideal para fazer um estudo de comparação e de avaliação de impactos, penso que seja uma forma bastante interessante de avaliar um pouco do impacto na atividade. Juntamente com os inquéritos recolhidos, foram adicionadas várias entrevistas, via zoom, ou chamada telefónica, onde houve um dialogo entre mim e alguns proprietários. Penso que estas conversas um pouco mais informais, foram chave para o reconhecimento do tema. Posso afirmar, sem margem para dúvidas que este tipo de conversas conseguiu que muito precocemente, conseguisse fazer um resumo do que se passava na atividade turística em viana do castelo. Posto isto, seria mais fácil compreender e até aperfeiçoar o questionário desenvolvido.

Nestes inquéritos aquilo que mais interessa é verificar os períodos onde existiu o encerramento, se houve despedimentos e ainda quais foram os prejuízos estimados.

10. Resultados

Após meses de investigação, juntando métodos informativos, como a leitura de vários artigos textos e livros sobre as diversas temáticas e o trabalho de investigação propriamente dito, foi possível tecer alguns resultados e conclusões sobre o impacto da COVID-19 nas atividades turísticas vianenses. A questão inicial acaba por ser bastante ingrata e difícil para este tipo de investigação, visto que se trata de um problema bastante complicado de obtenção de uma resposta objetiva. A resposta e os resultados que vou dar neste capítulo pode ser já adiantada como algo de difícil resposta, visto que é difícil abranger toda a informação e consequências que a atividade sofreu durante o período pandémico e no período de crise que ainda se segue. Partindo do princípio sobre a relação da pandemia com a atividade turística, percebemos que existe muita informação a circular e muita dela a ser alterada consoante o decorrer desta dissertação. O facto de se tratar de um problema muitíssimo atual com alterações quase diárias e uma difusão de ideias muito rápida, torna todo o processo mais incerto e dificuldade acrescida no intuito de dar uma resposta simples e objetiva. Perante esta informação, penso que é pertinente dizer que não será dada nenhuma resposta em termos numéricos, mas penso que a introdução de dados, juntamente com a investigação feita contribui bastante para o início de um estudo tão abrangente.

Como já foi descrito, Viana do Castelo trata-se de uma cidade e um município do Litoral Norte, inserido na região Norte e mais concretamente no Alto Minho. Ao longo desta última década, assim como a maioria do território português, o concelho verificou um aumento da oferta turística acompanhando também a procura. Era difícil de prever há 10 anos que Viana do Castelo iria ser um dos municípios mais visitados no Norte, só superado em número de hóspedes por Porto (2 245 291); Vila Nova de Gaia (406 167); Braga (368 749); Matosinhos (343 452); Guimarães (214 731); Maia (173 761); (Viana do Castelo 140 286) (Fonte: INE). O aumento da oferta e da procura foi bastante significativo para a região, introduzindo-se diversos serviços que complementavam a rede do turismo vianense. Percebe-se que de facto existiu um investimento muito significativo por parte das partes envolvidas, quer Câmara Municipal quer Turismo do Porto e Norte, ou até mesmo o Turismo de Portugal. Estes investimentos, juntamente

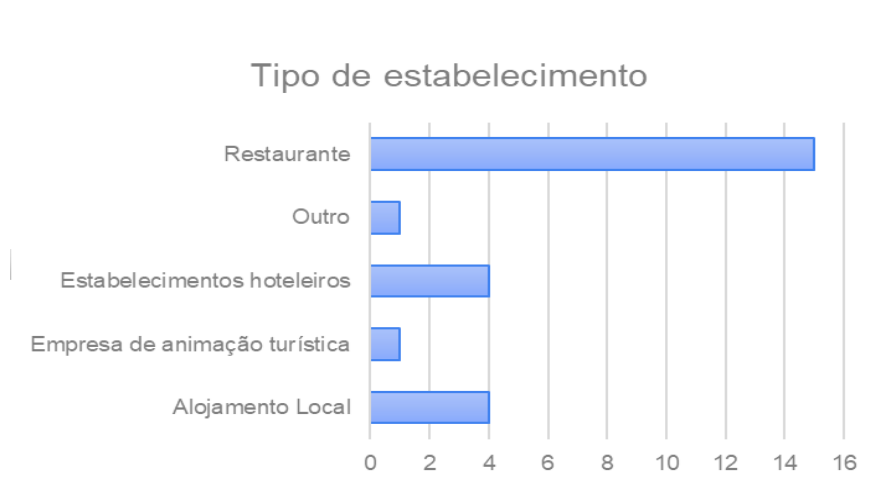
com diversos fundos europeus, assentes na ideia de valorização territorial, coesão e desregionalização, permitiram a evolução e a valorização do território, tanto para os turistas, como para os munícipes. Após variadíssimos investimentos, verifica-se um crescimento dos serviços ligados à atividade turística, que foi ao mesmo tempo acompanhado pela procura e após uma década da crise económica, os números começaram a exceder-se ano após ano. Mediante este cenário, comprova-se a importância crescente do turismo no município, o que torna ainda mais pertinente o estudo.

Viana do Castelo não foi diferente do restante território nacional, ao longo deste ano foram muitos os negócios que tiveram de encerrar quer temporária ou definitivamente. Muitos outros optaram por uma adaptação ou até mesmo por remodelações o que demonstra a resiliência de uma atividade fortemente lesada. Perante várias adversidades, eventos e restrições a ocorrer diariamente, os empresários entraram num período complicado para o desenvolvimento de atividades. Ao longo deste ano, foram muitas as conversas com proprietários, ou responsáveis e o desanimo era comum a todos. Não sendo um período fácil, muitos destes indivíduos e entidades exploraram novas opções e tentaram providenciar serviços inovadores e juntando-se a campanhas com o intuito de regressarem com mais força. Exemplo disso foi o Selo Clean and Safe, já referido anteriormente, que visa em atestar a qualidade e higiene do espaço hoteleiro. Contudo esta não foi iniciativa única e Viana do Castelo apresentou diversas campanhas de apoio com intuito de privilegiar o comércio local, a restauração e o alojamento. Foram tomadas várias medidas, desde a criação de um selo de comércio seguro, que atestava a segurança do espaço em manter-se de portas abertas, dando ao consumidor uma segurança acrescida visto que este espaço tinha sido alvo de várias vistorias. Para além de medidas que visam a segurança e a higiene, surgiram outras como apoios monetários aos comerciantes e também incentivos aos visitantes e consumidores, com a abertura dos parques de estacionamento ao público, não sendo cobrada a taxa de entrada. Estas medidas tinham como objetivo atrair consumidores para o comércio e restauração local, não esquecendo o turismo, visto que se tornava também mais atrativo.

Entrando num campo mais objetivo, através do inquérito realizado foi possível entender de uma forma resumida a conjuntura em que a maioria dos estabelecimentos se encontram. O objetivo do inquérito passava sobretudo pela quantificação das perdas e da frequência ao espaço, objetivo que foi atingido. Ainda que a amostra seja limitada, penso que é abrangente o suficiente para tirar as conclusões destes resultados. No início da investigação existiam várias incógnitas e como já dito a evolução pandémica alterou por muitas vezes o rumo da mesma.

Sendo esta a principal ferramenta de trabalho, ao longo dos dois últimos semestres tentei colocar o inquérito à disposição do maior e variado número de estabelecimentos. Obviamente houve uma grande quota parte que não respondeu, visto que se tratava de uma altura complicada onde não havia tempo a perder, a não ser para a retoma ao serviço. Perante isto, consegui recolher uma amostra de 25 estabelecimentos direta ou indiretamente ligados à atividade turística em Viana do Castelo. Como disse, tentei que a amostra fosse representativa e que abrangesse todos os elementos desta atividade, desde unidades hoteleiras, a restaurantes, a empresas de animação, entre outras. Desta amostra, sobressai-se o número de restaurantes onde a resposta foi mais recorrente, com 15 unidades de restauração. Seguidos com igual número apresentam-se as unidades hoteleiras e as unidades de alojamento local, que contam com 4 respostas cada (Gráfico 5.).

Gráfico 5- Tipo de Estabelecimento Inquirido

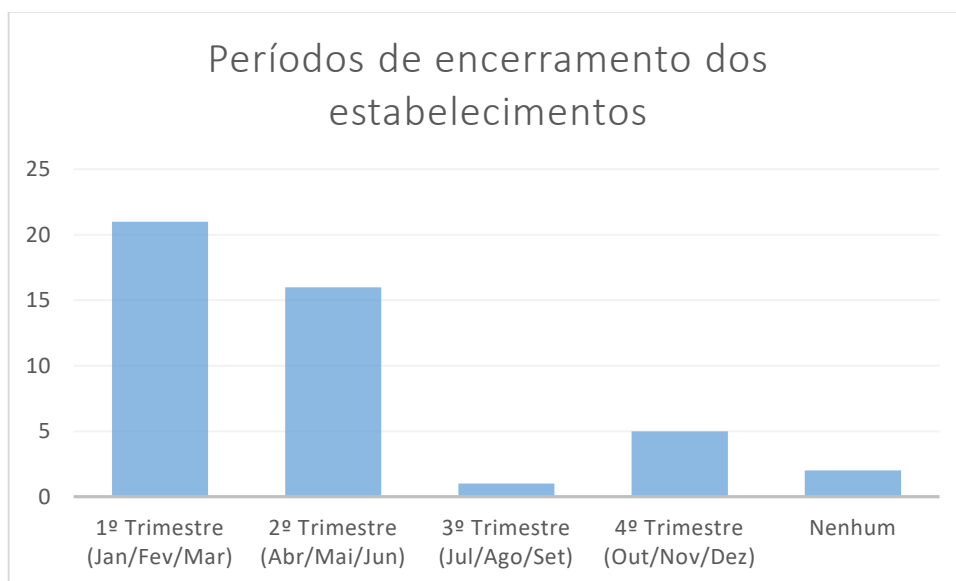


A esta foram também juntos outros feedbacks de espaços semelhantes que não se enquadravam no âmbito do inquérito, salientando o Hostel de Santa Luzia, que alterou as suas funções de alojamento turístico para alojamento estudantil. Igualmente com o mesmo número de respostas surgem a empresa de animação turística e a categoria “outro”, ambas com uma resposta. Esta amostra, apesar de reduzida, é bastante heterogénea e é representativa da atividade turística em Viana do Castelo. Seria pertinente ter obtido um maior número de respostas, no entanto este é já um campo que não era dependente de mim, o que dificultou o progredir e a análise da situação.

De forma a reforçar o primeiro objetivo da dissertação, era esperado perceber como foi afetado o turismo, mostrando os períodos que se verificaram encerramentos, quais as perdas estimadas e o número de despedimentos nos estabelecimentos. De uma forma geral, o que se verificou em termos de encerramentos foi a prevalência sobre os dois primeiros trimestres do ano, abrangendo sobretudo os meses de março, abril e maio. Estas informações complementam bem aquilo que era o expectável face ao estado do país nestes meses, onde se restringiu e de uma forma geral se confinaram todas as atividades. Dos resultados obtidos, 60% dos inquiridos permaneceram encerrados no primeiro e segundo semestre, tornando-se este num período conturbado para estes estabelecimentos, uma vez que foram os primeiros a ser encerrados e os últimos a reabrirem, tanto no primeiro confinamento, como nos seguintes. De salientar que

destas 25 entidades, apenas duas se mantiveram abertos todo o ano de 2020, o que representa 8% da amostra (Gráfico 6.).

Gráfico 6- Período de Encerramento dos Estabelecimentos, em 2020



Devido aos encerramentos, estes negócios tiveram de se adaptar e tentarem conseguir prestar o serviço à comunidade de formas diferentes das quais o faziam em períodos normais. Durante a investigação percebi que apesar do negativismo em volta da situação, a maioria dos investidores, ou responsáveis tinham uma visão oportuna e ambiciosa dos seus projetos e por isso procuraram sempre realizar mudanças e melhorias nos espaços e na forma de prestar o serviço. Estas situações demonstram muito bem como a atividade turística em Viana do Castelo se superou, melhorando e tentando qualificar a mão de obra e espaços. Uma das iniciativas mais interessantes passou por ações de formação com o intuito de melhorar a qualificação dos trabalhadores e espaços ligados a esta atividade. Este conjunto de incentivos permite à mão de obra e aos espaços a melhoria no serviço prestado, aumentando os níveis de qualidade apresentados, mantendo o cliente satisfeito. Perante a situação e mediante os dados recolhidos, apenas 44% dos inquiridos decidiram alterar ou adaptar o espaço, com o intuito de continuar a prestar os seus serviços, sendo que a maioria optou por

não o fazer (Gráfico 7.). Destes 11 estabelecimentos podemos salientar que a grande maioria eram restaurantes e conseguiram implementar mudanças simples que poderiam ser eficazes, nomeadamente o “take-away”. Esta mudança apesar de simples e não tão lucrativa foi bastante importante para que os estabelecimentos continuassem a ter algum ganho, ainda que como disse nem sempre o suficiente. Para além desta, foram vários os espaços que optaram por fazer uma remodelação do espaço, quer em termos de melhoria do ambiente quer a nível de aumento da área. Esta remodelação acabou ser bastante interessante visto que os espaços não poderiam receber clientes e desta forma evitou-se um segundo encerramento. Dos inquiridos foram dois estabelecimentos que optaram por esta forma de adaptação. Por último e com o mesmo número de respostas realizaram-se atividades online que permitiam o contacto com os clientes mesmo numa altura em que o contacto físico era proibido. Para além disto surgiram também opções de higienização em espaços fechados com instrumentos como o “Aerotubex”. Este aparelho permite uma higienização rápida e eficiente em locais fechados, eliminando todas as bactérias e vírus existentes. Este conjunto de medidas e opções permitiu que fosse possível regressar ao trabalho, mas também que os clientes se sentissem seguros, procurando momentos de lazer nestes espaços (Gráfico 8.). O que verificamos no gráfico anterior é o espelho do que se passou na atividade turística em Viana do Castelo e Portugal. O primeiro semestre do ano 2020, que se iniciou de forma positiva, acabou por atingir níveis muito abaixo do esperado. Os meses de abril e maio acabaram por ser os piores para a economia local e para o Turismo da região. Posteriormente, verifica-se um verão bastante mais ativo que o restante ano, o que se explica pelo abrandamento das restrições. Posteriormente, o outono e inverno acabou por não se manifestar da mesma forma que a primavera, no que diz respeito a encerramentos, no entanto tratou-se de um período complicadíssimo para a economia local.

Gráfico 7- Estabelecimentos que fizeram,ou não, alterações no seu espaço

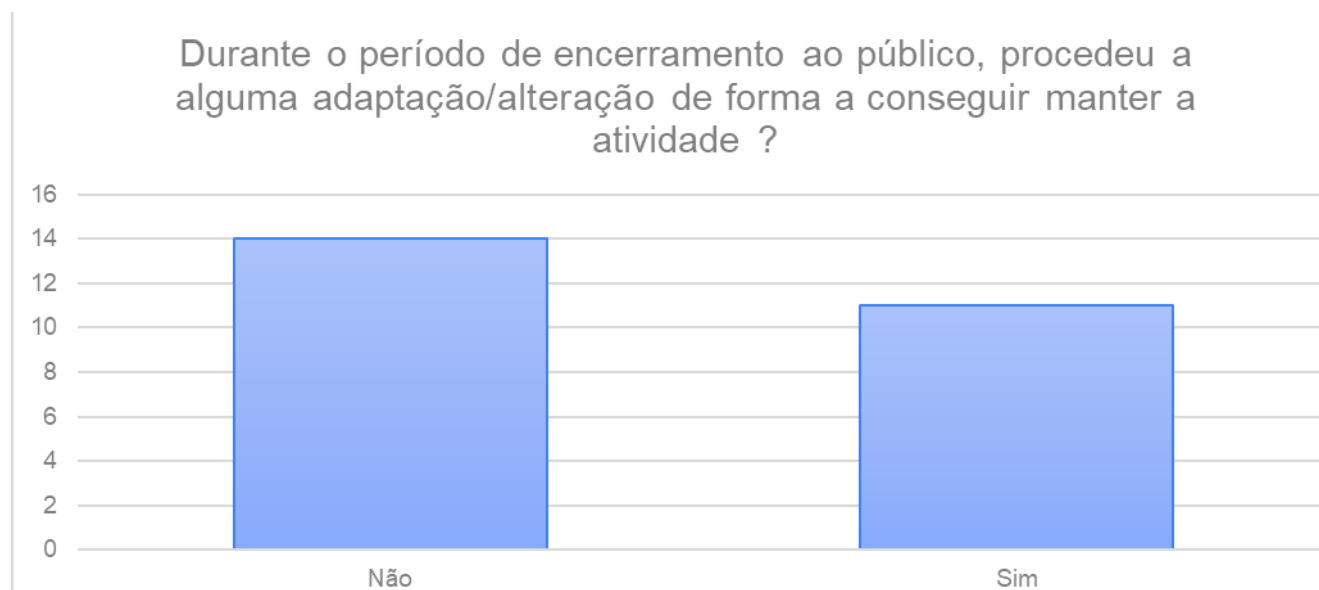
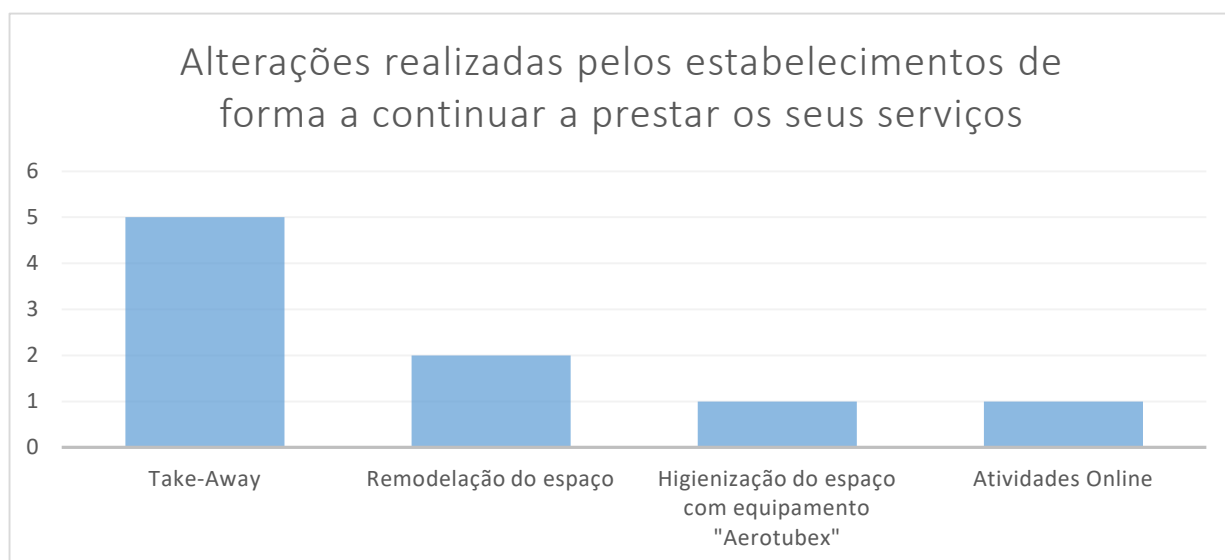


Gráfico 8- Tipo de Alterações Realizadas

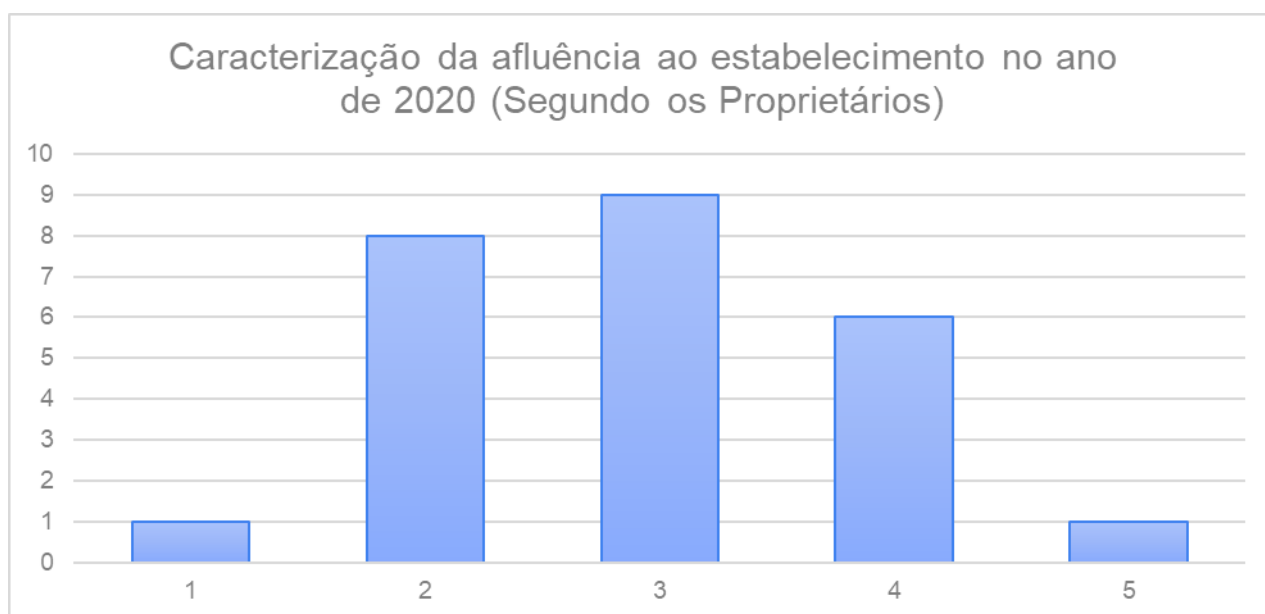


Apesar das adaptações e das tentativas para estas atividades se manterem sustentáveis era complicadíssimo mantê-las sem recurso a financiamentos ou apoios. No período de confinamento, foram muitos os estabelecimentos que procuraram receber fundos de forma a conseguirem sustentar os seus estabelecimentos (Gráfico 15.). No município vianense foi verificado que muitos destes espaços dependiam e apenas ultrapassaram o período devido a estas ajudas monetárias. Na amostra recolhida, verificou-se uma recorrência a estes fundos por parte de 76% dos inquiridos. Destes 76% todos afirmaram que estes subsídios acabaram para ser fundamentais para a subsistência do negócio enquanto que os restantes 24% afirmaram que os fundos não eram úteis para a continuação da atividade (Gráfico 16.). Apesar disto percebemos que para uma grande maioria estes fundos se mostraram como fundamentais e permitiram não só a prevalência do negócio, mas também a permanência de muitos trabalhadores nos seus postos de trabalhos. Da amostra recolhida apenas 24% não concorreram a estes fundos e 32% viram-se obrigados a reduzir o número de empregados. Esta situação é bastante demonstrativa não só do que se passa em Viana do Castelo, mas também em todo o território nacional. Portugal é um país bastante dependente do turismo, assim como a região Norte. Esta dependência tem vindo a aumentar na última década, fruto do grande investimento em infraestruturas e da fixação de novas rotas de turismo, nomeadamente as “Low Cost”. Como é visível através destes dados percebe-se que foram muitos os indivíduos que trabalham na atividade turística que foram despedidos e ficaram expostos a uma situação de risco. Estes subsídios serviam não só para fomentar o desenvolvimento e a continuação destes espaços, mas ao mesmo tempo para a continuação do pagamento aos funcionários, de forma a estes não serem expostos a uma situação perigosa e de difícil resolução. Apesar disto existiram estabelecimentos que não procuraram estes fundos por considerarem que se tratavam de apoios dispensáveis e pouco úteis. Neste âmbito, cerca de 24% dos inquiridos acharam que estes apoios foram pouco ou nada úteis e não eram vistos como um apoio estimulante para a compensação da situação. Uma das opções que foi explorada foi a questão burocrática destes apoios, querendo perceber se os averiguados definiam a candidatura a estes apoios de dificuldade excessiva, adequada ou simples. Neste leque de respostas

apenas se verificaram duas respostas excessiva e adequadas, onde cerca de 73% as definiram como adequadas e o restante como excessivas. Desta forma comprova-se a ideia anterior, os proprietários não se candidataram a estes fundos por não acharem uma opção viável para os seus espaços.

De forma a entender como foram as perdas e de que forma foram afetados os negócios decidi colocar duas questões de resposta um pouco mais subjetiva, que tinha como objetivo estimar as perdas dos estabelecimentos e também caracterizar a ocupação do ano de 2020. De uma forma geral, no que diz respeito à ocupação verificou-se mais ao menos uma constante, não apontando a extremos. Numa escala de 1 a 5, sendo 1 Muito Fraco e 5 Muito Bom, a maioria dos inquiridos responderam o nível 3, 36%, correspondendo a uma ocupação média seguindo-se o Fraco (2), 32%. Dos inquiridos, 24% responderam que o ano tinha sido bom e 4% responderam que o ano tinha sido ou Muito Bom, ou Muito Fraco (Gráfico 9.).

Gráfico 9- Afluência aos Estabelecimentos, no ano 2020

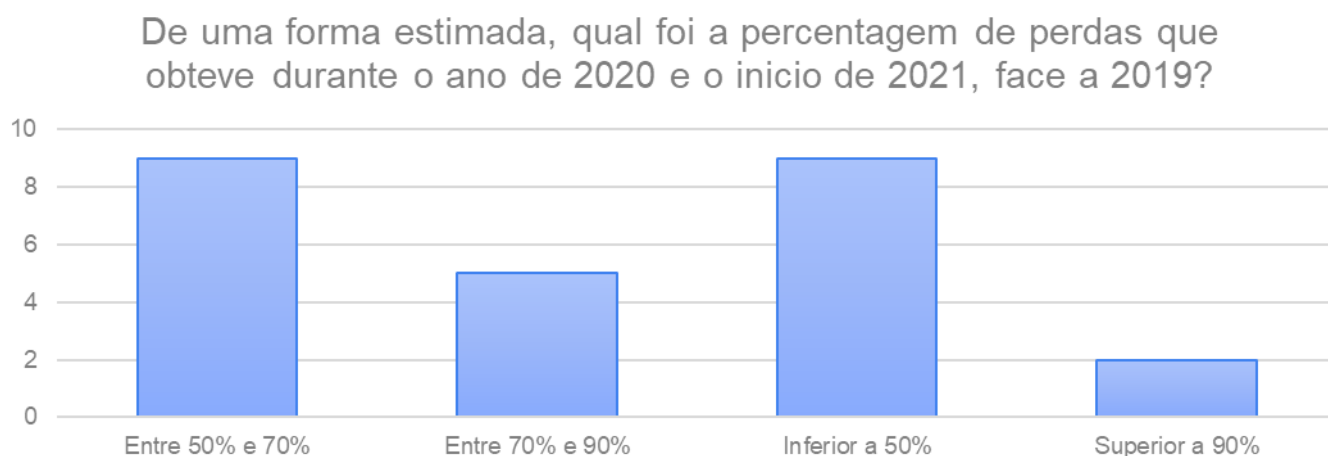


Esta caracterização acabou por ser um esboço daquilo que os proprietários pensaram do ano 2020 que mesmo com as dificuldades apresentadas, foi possível restabelecer algumas rotinas e valorizar um pouco o turismo vianense.

No que diz respeito às perdas estimadas, não se pode afirmar que houve uma concordância ou tendência, de forma geral percebe-se que o impacto foi diferente em cada área e que todos os estabelecimentos sofreram grandes perdas. Era expectável existir uma conformidade de perdas nas mesmas atividades, contudo esta hipótese não foi confirmada e o que se verificou foi de facto uma ausência de tendência no que diz respeito às perdas. Podemos afirmar que certos estabelecimentos sofreram mais que outros visto que se tratavam de negócios com uma base financeira menos sólida o que expôs inúmeras vulnerabilidades, confirmando-se maiores perdas e maior número de despedimentos. Como foi discutido em algumas reuniões, percebe-se que apesar de ser um cenário muito negro e difícil de manter, existiram várias instituições que muito cedo apresentaram dificuldades inexplicáveis. O facto de cada vez mais existirem negócios voltados para o turismo expôs à vista um dos principais problemas desta atividade, a precariedade e a ausência de uma espinha dorsal fortemente consolidada. Verificou-se que muitos estabelecimentos possuíam uma gestão ruinosa e a pandemia acabou por expor a situação mais rapidamente. Como já dito e referido, o turismo aparece com intuito de valorização do território complementado a área com diversos serviços e infraestruturas que permitam gerar lucro à economia local, contudo o que se verificou ao longo deste ano foi a dependência excessiva dos visitantes para a continuação de certos negócios. Entrando em números estimados de perdas, a maioria dos estabelecimentos não excedeu os 70 % de perdas estimadas, contudo este número por si só demonstra bem que houve um decréscimo muito significativo face ao ano anterior. Destes números é importante destacar que 8% dos inquiridos tiveram perdas superiores a 90%, mostrando a dificuldade que muitas infraestruturas e serviços passaram com os confinamentos e restrições impostas. É de facto uma situação muito preocupante a destes espaços, visto que existem quebras de lucros muito significativas. Obviamente que associado a esta quebra surgiram muitos outros problemas, desde o desemprego ao endividamento. Embora seja uma pequena minoria da amostra, penso que esta

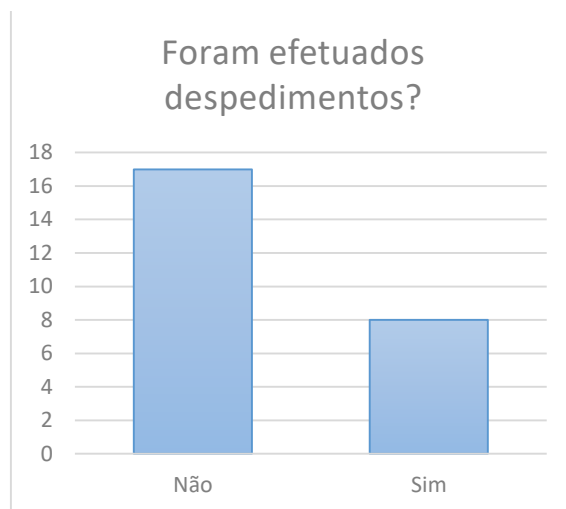
estatística demonstra bem a fragilidade do turismo e a dependência dos fatores externos. Um ponto positivo trata-se de que 36% apenas tiveram perdas até 50%, não deixa de ser inquietante, mas ao mesmo tempo não deixa de ser algo positivo, visto que a maioria dos estabelecimentos tiveram perdas superiores a estes 50%. É, portanto, bastante agradável verificar que apesar da conjuntura e dos problemas associados à pandemia, que existem estruturas negociais que conseguiram equilibrar minimamente as contas (Gráfico 10.).

Gráfico 10- Percentagens de Perdas do ano 2020



Dentro da mesma situação, foi colocada a questão se foram procedidos despedimentos no último ano. Sabendo que a maioria dos fundos dados pelo estado impediam a quem concorresse de efetuar despedimentos de funcionários, foram registados 17 estabelecimentos que não se desvincularam de nenhum dos seus colaboradores, dando um total de 68% dos inquiridos. Em sentido contrário, foram registados 32% de estabelecimentos que se viram obrigados a efetuar despedimentos. Com a introdução destes números percebemos finalmente a gravidade da situação pandémica e o seu impacto na atividade turística (Gráfico 11.).

Gráfico 11- Estabelecimentos que Efetuaram Despedimentos



Entrando num campo de especulações e prognósticos, no final do inquérito foi perguntado aos inquiridos como achavam que iria decorrer a retoma do turismo e das respetivas atividades no verão. Utilizando novamente uma escala de 1 a 5, sendo 1 Muito Fraco e 5 Muito Bom, o que se generalizou foi um sentimento de incerteza e de expectativa (Gráfico 12.). Segundo esta amostra, os estabelecimentos estão a encarar a chegada do verão como uma lufada de ar fresco, não esquecendo os receios que os têm vindo a atormentar. De um universo de 25 estabelecimentos, 36% espera que o verão decorra com valores normais, dentro da situação atual e 32% espera que os números do turismo sejam bons. Dos inquiridos apenas 1 estabelecimento considera que o ano será muito fraco (4%), 20% afirma que o resto do ano será fraco e 8% acredita que a retoma será muito boa. Estes dados demonstram bem como está a mentalidade de todos os que estão ligados à atividade turística. O processo de vacinação e os níveis baixos de infeção no município permitem aos investidores terem uma perspetiva um pouco mais positiva, no que diz respeito à frequência aos espaços. Apesar disto, há ainda um número considerável de inquiridos que não acredita que o verão será melhor para a sua atividade. Ambas as perspetivas são validas e aceitáveis, visto que se por um lado podemos achar que a situação pandémica está controlada e o risco de infeção está a

diminuir, por outro ainda pairam as consequências e repercussões dos confinamentos anteriores, gerando-se uma sensação de instabilidade. Outra das preocupações atuais são as aparições de novas variantes do vírus que podem difundir e aumentar novamente a taxa de infetados.

Gráfico 12- Prospecções para 2021, segundo os proprietários



De forma a terminar este capítulo, é fundamental dizer que assim como a maioria do turismo mundial, Viana do Castelo teve consequências bastante significativas. Podemos confirmar pelos dados do INE que em 2019 foi o quinto município mais visitado, o que demonstra bem o contributo da atividade para a região. Esta posição diz muito sobre a forma como o turismo estava a crescer na região, não só na procura, mas também na oferta. Obviamente que com o nível da procura tão elevado, uma diminuição tão significativa como a que se registou, por um período tão longo como o que se está a viver, teve problemas muito significativos desde despedimentos, a encerramentos e até perdas superiores a 90% em alguns dos estabelecimentos. O ano de 2020 e o primeiro semestre de 2021 afetou bastante o turismo e as atividades turísticas em Viana do Castelo. É difícil expor esta situação em número absoluto e as perdas estão longe de ser calculadas na sua totalidade. No entanto, através das estimativas dadas pelos proprietários, percebe-se que houve um grande défice da procura, gerando-se perdas muito significativas para atividade. Consoante os inquéritos registados, observam-se um grande número de perdas com valores superiores aos 50%, face a 2019. Isto, juntamente

com os despedimentos demonstra a gravidade da situação e a importância que a atividade constitui para um grande número de cidadãos ativos da região.

Para além disso, este é um problema que se vai estender não só neste período pandémico, mas durante muito mais tempo, como refere Ritchie (2004), o período de crise é muito mais abrangente do que a questão da crise, propriamente dita. Atualmente os estabelecimentos começaram a recompor-se, contudo há ainda um conjunto de adversidades prestes a surgir, desde os juros de moratórias, que serão suspensos dentro de poucos meses e caso não exista um ganho suficiente, os empresários poderão ter de voltar a apertar o cinto.

Apesar disto, espera-se que a economia melhore com a entrada deste verão, contudo é ainda muito cedo para tirar ilações e pouco científico entrar em prospetivas para o futuro. Aquilo que é fácil de indicar é a necessidade de reformular as estratégias e planos, com o intuito de chegar aos mercados que podem ser rentáveis num futuro próximo. Estas diretrizes são importantíssimas para a retoma da atividade assim como para a melhoria da economia local. É fundamental ver este período como uma janela de oportunidade e tentar inovar ao máximo a região, de maneira a que esta cada vez mais seja um ponto de referência.

Atualmente, Viana do Castelo, Portugal e o Mundo encontram-se numa fase de transição, no período entre crise e pós crise. Segundo Ritchie (2004), este momento é importantíssimo, sendo fundamental a ação, proteção e resposta. Desta forma, é fundamental encontrar uma forma de agir e responder ao problema, de maneira a conseguir o regresso à tão esperada normalidade. O primeiro passo terá de ser tomado pela autarquia, protegendo estes estabelecimentos do que aí vem. Posteriormente é crucial regressar ao mercado, apostando na inovação e sustentabilidade, para que a região se torne mais interessante para aquele que é o Turismo de Futuro. Para além disso, é fundamental que a economia seja retomada e recuperada, com ajuda do Estado, introduzindo e aplicando as ajudas e apoios, que estão previstas, de forma a que a economia volte a circular.

10.1. Limitações

Conforme foi anteriormente referido, no início da investigação sabia que se tratava de um projeto difícil de realizar com sucesso, contudo o desafio criou motivação e estímulo a levantar questões e apontar algumas explicações para a conjuntura vivida desde março de 2020.

Sabendo de início das adversidades que viria a encontrar, foi um trabalho que me agradou fazer ainda que com muitas incertezas tanto na construção do discurso, como na recolha dos dados. Obviamente a aquisição de dados referentes ao período anual de 2020 foi muito limitado, devido a proximidade do evento, contudo a recolha de testemunhos e respostas a inquéritos foram um conjunto de soluções que permitiram atenuar algumas dessas dificuldades. O facto é que, como sei bem, estes inquéritos são apenas uma mínima amostra do que aconteceu na região. Tentei ao máximo que esta amostra recolhida por mim fosse o máximo representativa de todas as atividades integrantes do Turismo, contudo existem dificuldades que complicaram o processo, estando eu alheio a muitas delas. Apesar disto, estou satisfeito com as recolhas e penso que ainda que a amostra seja reduzida, é bastante representativa do conjunto de atividades turísticas existentes em Viana do Castelo.

11. O Futuro do Turismo em Viana do Castelo

Após variadíssimas reflexões, análise e estudos, a pergunta que se segue é: então qual será o futuro do turismo em Viana do Castelo? Tal como a questão central, esta é uma inquietação muito presente neste trabalho. Então depois de tanta riqueza gerada e, posteriormente, tanto custo para o município e Estado, como se redirecionará este conjunto de atividades?

Obviamente, ambas as questões têm na sua base uma grande quantidade de retórica, mas ao mesmo tempo começa-se por pensar qual será a postura que a autarquia terá com este ramo da economia local. Mais uma vez, reforçando uma das ideias iniciais, o Turismo é um conjunto de atividades que visa enriquecer o espaço público, tornando-o mais apelativo para quem o visita, mas não só. Para além de quem o visita, existem pessoas que nele circulam, todos os dias da sua vida. Ao contrário de outros destinos portugueses, Viana do Castelo não é um destino massificado, o que para muitos pode ser uma pena para outros é visto como “Ideal”. A questão passa muito pelo seguinte, até que ponto queremos que Viana expanda o seu Turismo? Que Turismo quer o município para a região? Será o proveito assim tão significativo que nos faça abandonar certos padrões da identidade do território? Outro ponto, o mais incógnito, na minha opinião, como será o Turismo? Digo Turismo, não só português, mas mundial. Atualmente, vivemos em tempos muito incertos, principalmente para o conjunto de atividades turísticas, que essencialmente depende de fatores externos alheios a tudo. Neste momento o turismo verificou uma queda muito impactante para a economia mundial, o que leva a maioria dos investigadores e responsáveis regionais e/ou nacionais a reformularem a forma como se deve proceder perante um cenário complicado.

É neste sentido que procuro colocar em debate algumas das principais preocupações e ideias que surgiram ao longo destes meses, juntamente com algumas hipóteses que possam vir a ser seguidas pelo município de Viana do Castelo. Nesta dissertação penso que é importante o foco nos dois pontos de vista da evolução, compreendendo e explicando os pontos fortes de cada uma das situações. Como disse, Viana do Castelo

era até ao ano de 2020, um destino turístico interessante, enquadrando-se num ponto médio de ocupação, comparando com o resto do território nacional. Através dos gráficos elaborados e das ideias expressas na comparação de Viana do Castelo com outros territórios nortenhos, percebe-se que Viana do Castelo e o Alto Minho usufruem de um turismo de média dimensão. Estes destinos beneficiam muito dos turistas nacionais e espanhóis, fruto da proximidade e a diversidade paisagista e turística, anteriormente referida. Devido a esta conjuntura local, percebemos que Viana não possuiu uma concentração de serviços ligados ao turismo, como algumas regiões, nomeadamente o Porto, Douro, Braga, entre outras. O facto de não existir esta concentração demonstra que apesar de uma base interessante de turismo e turistas, a região não se caracteriza como uma área em que se afirme como “especialização”.

Quando existe uma especialização de um território numa certa atividade, existem várias questões que se levantam, desde logo riscos. Quando existe uma especialização num espaço, percebe-se que esta ocorre por existir uma grande oferta, daí aumenta-se a oferta, tentando equilibrar a busca destes serviços com a oferta da região. Acontece que assim que existe um decréscimo da procura, estas atividades começam a apresentar fragilidades que não podem ser compensadas, levando a problemas estruturais e financeiros, das diversas entidades. No ano de 2020, foi isso que se verificou, a procura por serviços turísticos reduziu significativamente, devido à ausência de circulação entre regiões, o que levou a que as atividades turísticas passassem por sérias dificuldades económicas. Tendo isto em conta e, relacionando com a existência de uma especialização, percebe-se que estes territórios ficaram entre a espada e a parede. Embora Viana do Castelo não faça parte deste leque de destinos, foram também muitas as consequências causadas pela COVID 19.

Partindo desta ideia, está claro que a aposta em demasia nas atividades turísticas é um risco muito alto a ter, por isso é crucial existir uma avaliação de por onde se segue o caminho da “expansão turística”, no município. Segundo muitos especialistas, incluindo a IPDT, empresa de consultadoria de turismo, atualmente os turistas procuram territórios mais isolados e de menor dimensão, entrando num formato de “*Slow Tourism*”. O “*Slow Tourism*” é uma modalidade de turismo que tem vindo a crescer e a

ganhar adeptos de uma forma consistente. Resultante do movimento italiano, emergente nos anos 80 e 90, esta modalidade tem o objetivo dar ao Turismo uma “identidade promocional viável para ofertas turísticas alternativas, que necessitam de re-branding, através do meio descentralizado das tecnologias de informação” {Conway, D.; Timms, B., 2010}.

Este tipo de turismo é muito propício a regiões de menor dimensão, mas com muita tradição, como o caso de Viana do Castelo, assim como o Alto Minho. Tal como o Minho, Viana do Castelo é um município que transborda de tradicionalismos e tipicidades, o que o torna ainda mais rico e atrativo para este tipo de turismo. O impacto e as mudanças que ocorreram no mundo vieram alterar o processo de escolha de destinos turísticos. Se até 2020, os viajantes escolhiam sobretudo destinos que eram abrangidos por rotas internacionais low-cost, em 2021 são muitos os que defendem a transição do turismo de massa, para um turismo mais regional e para uma escolha de experiências e não a de colecionar destinos.

Voltando ao ponto antes da pandemia, em que existia claramente uma crescente escolha pelo turismo de massas, percebe-se o porquê destes destinos serem tão populares. Em primeiro lugar, estão destinados à maioria das pessoas, sendo elas de classe alta ou baixa, o que aumenta o leque de indivíduos que podem usufruir deste tipo de Turismo. Em segundo, são normalmente férias de curta duração, entre dois a oito dias. Tendo estes dois pontos, estas rotas tornaram-se bastante atrativas, tanto pelo preço baixo, comparativamente com os preços praticados por outras companhias, como pela diversidade de atividades existentes. Sabendo de como a situação se desenrolou, houve vários destinos que foram muito beneficiados economicamente, com a fixação de uma base de companhias Low-Costs. Estes destinos verificaram uma crescente afluência ao seu território, por parte de turistas estrangeiros, o que levou a uma massificação dos mesmos. Porto e Lisboa são exemplos mais evidentes na escala do território nacional. Apesar disto, o Primeiro Ministro português, António Costa, considera que o Turismo em Portugal não existe em demasia (Expresso). Isto é, mesmo com a grande afluência a destinos como Porto, Lisboa e Algarve ainda não existe um *overtourism*, segundo o chefe do governo.

Ao que tudo indica, após a retoma do turismo mundial, existem duas possibilidades na continuidade do turismo, isto de acordo com diversos especialistas. A primeira vai ao encontro aquilo que abordei no ultimo paragrafo. Passa por uma retoma de grandes fluxos Low-Cost, reforçando a posição das companhias que providenciam este tipo de serviços. Por outro lado, crê-se que após uma situação catastrófica e a mudança de rotina das pessoas, bem como uma afirmação no espaço individual e na distancia social, venha a verificar-se um crescimento de pequenos destinos. Estes destinos permitem ao viajante uma experiência diferente que mantenha contacto com o meio evitando assim grandes aglomerados, desde os voos até aos locais de estadia.

Posto isto, qual será o futuro da atividade turística no concelho de Viana do Castelo? Obviamente, ninguém pode prever como a economia e o turismo se vão reformular, contudo, penso que existem boas perspetivas para o arranque da atividade. O facto do município não se enquadrar bem em nenhum dos tópicos anteriores referidos, dá esperança aos representantes. Existindo cada vez mais concorrência no mundo do turismo, destinos como Viana do Castelo precisam de melhorar as condições a que os visitantes estão expostos. Como já se percebeu, e foi anteriormente referido, o turismo não vive do crescimento, mas sim da qualidade. Nesta atividade é importante manter satisfeitos aqueles que a frequentam. Atualmente, existe uma grande quantidade de informação disponível online, o mercado do turismo verificou uma grande digitalização nos últimos anos, com a criação de diversas plataformas que apresentam opiniões e criticas, como o caso do “booking”, “tripadvisor”, entre outros. Com estas plataformas o turista num espaço de segundos tem a sua disposição um conjunto de opiniões sobre o local em questão, o que gera uma confiança ou desconfiança, consoante o mesmo. Nestas situações percebe-se que a fidelização de clientes é um processo importante para a cimentação de um negócio, assim como o famoso e antigo “Passa Palavra”.

Com isto, penso que é preciso clarificar que apesar do turismo vianense ter tido uma quebra bastante significativa, podemos afirmar que o mesmo se encontra com bases bastante solidificadas. Após dois anos onde se verificaram quebras significativas no lucro da atividade, é essencial redirecionar esforços e apostar em mercados, onde existe uma diferenciação. O *Slow Tourism*, o turismo rural e o turismo ligado às atividades

desportivas aquáticas, juntamente com os inúmeros trilhos e as diversas opções de lazer sustentável na região, são o futuro da atividade turística na região.

Para além disto, a cooperação entre Viana do Castelo e o Norte de Portugal terá de se tornar mais evidente, tentando assegurar mais e melhores parcerias. A proximidade geográfica não pode ser ignorada e é importante que nesta altura se unam esforços em virtude do Turismo Nortenho. A diversidade de infraestruturas disponíveis entre as principais regiões do Norte deve ser aproveitada em função da região, criando-se atividades que possam vir a ser atrativas e interessantes para o turista. Sabendo que cada vez mais Portugal é um país que está integrado nas principais rotas de turismo europeias, é preciso cruzar pontos de interesse e expor a qualidade que cada região possui. Com a entrada do verão de 2021 e o seguimento para o próximo ano, espera-se que o município vianense apresente níveis de afluência mais perto dos de 2019, indo ao encontro das expectativas da região e superando os objetivos traçados no início deste período pandémico.

Considerações Finais

Apesar desta ser considerada a parte de finalização desta investigação, considero que tal como fui referindo ao longo do trabalho, este é um tema muito atual e considero que ainda existe muitíssimo a acrescentar a esta investigação. Não querendo e até mesmo não podendo entrar em especulações, não me é possível prever o que acontecerá ao turismo nos próximos anos, tanto a nível mundial como a nível nacional e local. Apesar disto, localizo-me numa vertente bem mais positiva do que aquela que me caracterizava no início da investigação.

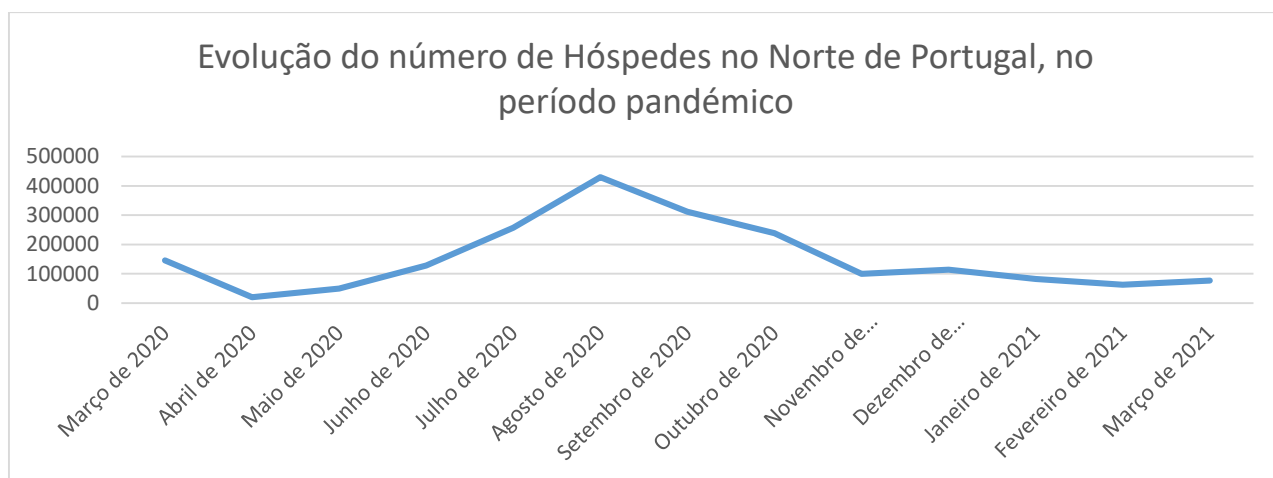
Como foi verificado, o Turismo em Viana do Castelo é um trunfo importante para a economia local. Não se pode dizer que este conjunto de atividades exerce um peso muito significativo para economia local, mas ao mesmo tempo também não se pode dizer o contrário. Diz um ditado popular que a virtude está ao centro, e eu não encontro uma melhor forma de caracterizar o turismo em Viana do Castelo. É um facto que o turismo em Viana do Castelo verificou um grande crescimento face ao início do século, contudo penso que é justo dizer que não existe uma dependência excessiva da economia face ao mesmo.

Contudo, o facto da economia não depender excessivamente do turismo, não significa que este conjunto de atividades não tenha sido posto fortemente à prova. Como no restante país, foram tomadas medidas para a manutenção de inúmeros estabelecimentos, assim como muitos trabalhadores ligados à área viram a sua atividade a ser fortemente comprometida com as medidas e medos dos governantes e consumidores. Não foi um ano fácil e ainda que o pior já tenha passado, não se avizinham tempos fáceis para aqueles cujo o emprego depende da circulação de turistas. Foram muitos os cortes e mesmo com o regresso ainda em 2021, os proprietários não esperam que este ano ainda seja um ano ganho. Por isso, espera-se que os números que se verificavam em 2019, apenas regressem a essa realidade no verão de 2022.

Esta situação levou ao extremo certos estabelecimentos em Viana do Castelo, contudo, houve também situações menos trágicas, visto que se tratavam ou de negócios mais sólidos e estáveis, ou até mesmo negócios que verificaram que não dependem assim

tanto dos turistas. Contudo, a situação é diferente em cada região, área, estabelecimento, etc. Não nos podemos esquecer que no panorama da região Norte os números desceram a pico, e fazendo uma simples conta de subtração, verificamos que há muito prejuízo na região Norte, não sendo tão evidente em Viana do Castelo, mas sendo um valor muito avultado para uma região que se tem vindo a expandir e muito nesta área (Gráfico 13.).

Gráfico 13-Evolução do Número de Hóspedes no Norte de Portugal em Período Pandémico



Outra das conclusões que são retiradas, pela forma como a Câmara Municipal tem agido ao longo deste ano é a melhoria na qualificação dos serviços turísticos do município. Desde cedo que a autarquia se mostrou preocupada e interessada neste conjunto de atividades, muito devido ao contributo para a economia local. Ao longo do ano a Câmara introduziu diversas formações, de forma a que os seus serviços elevassem o nível de qualidade, oferecendo uma melhor experiência ao visitante. Este interesse em melhorar a qualidade do turismo, vai muito ao encontro de um crescimento sustentável e equilibrado, reforçado com a qualidade do produto. Estando o mercado cada vez mais saturado e com mais diversidade de ofertas, é necessário que os destinos médios, como o caso vianense, se afirmem como opções de qualidade para os turistas passarem as suas férias e momentos de lazer. Atualmente o turista está sujeito a inúmeras experiências e cada uma delas conta. A forma como Viana do Castelo tem tentado melhorar o turismo é importante para o crescimento da atividade não só a nível

regional, mas também a nível nacional. Apesar de não ser uma das maiores fontes de rendimento da autarquia, verifica-se a preocupação em serem criadas infraestruturas e serviços com qualidade, elevando a competitividade e valorizando a região. A sucessiva aposta nos desportos náuticos levou a criação de um ponto muito importante para quem pratica modalidades deste género, não só para os residentes mas para muitos outros que se deslocam até à cidade para usufruírem destes equipamentos. Visto que estas atividades desportivas têm verificado um aumento na procura, Viana do Castelo colocou-se numa posição privilegiada ao apostar nestas atividades desportivas.

Cada vez mais verificamos uma mudança do paradigma no turismo, anteriormente considerava-se que era turista quem se ausentava e pernoitava no local, o paradigma tem vindo a ser alterado e agora, nos dias de hoje, o turismo é muito mais que isso. A deslocação a uma região com o intuito de procurar um momento de lazer, como neste caso das modalidades aquáticas, é uma forma de turismo cada vez mais procuradas. Percebe-se que esta procura não interessa tanto a certas autarquias, uma vez que este tipo de turista não gera tantas receitas para o município e não consome tanto como o estrangeiro que pernoita. Obviamente que é mais benéfico receber-se mais turistas que pensam em alojar-se na região e consumir o máximo na mesma, contudo a pandemia veio impulsionar esta nova procura pelos espaços. Se pensarmos bem, verificamos que não fossem estes “turistas” e a maioria das regiões tinha sofrido ainda mais quebras, visto que as restrições de mobilidade eram muito significativas. Penso que é justo afirmar que houve uma mudança de pensamento e foram reformuladas muitas opções assentes no marketing, tanto físico como digital. É neste aspeto que se deviam centrar as próximas diretrizes do turismo, a nível municipal. A procura diminuiu significativamente, assim como o mercado se alterou de uma forma muito acelerada, por estas razões o turismo tornar-se-á mais frágil caso não haja uma adaptação por parte dos grandes destinos. No caso de Viana do Castelo, verificam-se poucas alterações, excetuando a maior redução de turistas estrangeiros, o que foi fruto das restrições de mobilidade.

O futuro do turismo em locais como Viana do Castelo e o Alto Minho terá uma prova de fogo com a entrada do verão de 2021 até ao próximo verão. Nesse momento, as

limitações já não serão tão significativas e irá comprovar-se um dos seguintes cenários, ou um regresso em força, ou uma procura baixa. Não sendo isso importante para a premissa deste trabalho é interessante refletir como estará a situação no final do verão de 2021 ou mesmo no próximo ano. Segundo os testemunhos que recolhi, de uma amostra heterogénea das atividades turísticas de Viana do Castelo, verifica-se uma certa concordância que afirma que apenas em 2022 poderão ser repostos números semelhantes aos anteriores à pandemia, contudo este verão será crucial para certos estabelecimentos e para a sua sobrevivência. A introdução dos “passaportes COVID”, juntamente com o processo de vacinação em curso constituem um progresso para a retoma da atividade, que está a ser fundamental para as economias. Ainda sem muitos dados, a entrada no próximo verão será um novo pulmão para a atividade turística, não só vianense, mas também para o país. As expectativas estão em alta e espera-se que os números deste ano superem os do ano anterior, que tendo em conta a situação foram bastante satisfatórios, no concelho. O que essencialmente se veio a entender foi a boa resposta e adaptação dos serviços face às dificuldades vividas. O ano de 2020 trouxe à atividade turística um conjunto de adversidades que impossibilitaram o trabalho de muitos empresários, contudo foram abertos novos horizontes e exploradas novas hipóteses, demonstrando a resiliência da atividade. Não sendo uma situação fácil, é justo dizer que houve uma boa resposta à mesma, ultrapassando dificuldades e cimentando negócios. Em princípio, podemos dizer que o pior já foi ultrapassado, contudo existem ainda vários desafios que podem surgir, desde as dívidas a uma nova crise económica. Apesar desta perspetiva, é fundamental demonstrar a resiliência desta atividade no concelho vianense, que perante tanta adversidade conseguiu explorar novas formas e evitar o colapso da mesma, enfrentando as adversidades com ajuda do Estado e Município, ou mesmo sozinhos.

Para além de tudo isto, penso que é fulcral a reformulação da “forma como se faz Turismo”, em Viana do Castelo. Em alturas como estas é muito complicado estar no mercado turístico, contudo, com o avançar e o superar da situação existem diversos pontos a favor. Um desses pontos a favor é a “adesão” da população residente ao Turismo. Sabendo da importância que o turismo tem na economia portuguesa, e após

um período de grandes dificuldades económicas, é fundamental a harmonização entre turistas e residente, de forma ao espaço se tornar agradável para ambas as partes. Esta ideia tem sido verificada no município vianense, no entanto é fundamental a sua prevalência. Observado por diversas vezes, o Turismo como contribuinte para a economia é muitas vezes “discriminado”, todavia, é em períodos como o atual que se verifica a necessidade que o mesmo faz às economias {Chien, M.;Sharifpour,M.;Ritchie, B.; Watson, B., 2016}.

Referências Bibliográficas

- Bali, S., Stewart, K. A., & Pate, M. A. (2016). Long shadow of fear in an epidemic: fearonomic effects of Ebola on the private sector in Nigeria. *BMJ global health*, 1(3), e0001111-e0001111. <https://doi.org/10.1136/bmjgh-2016-000111>
- Bauer, R.A. (1960) Consumer Behavior as Risk Taking. In: Hancock, R.S., Ed., *Dynamic Marketing for a Changing World*, Proceedings of the 43rd. Conference of the American Marketing Association, 389-398.
- Bhaskara, G. I., & Filimonau, V. (2021). The COVID-19 pandemic and organisational learning for disaster planning and management: A perspective of tourism businesses from a destination prone to consecutive disasters. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 46, 364-375. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2021.01.011>
- Boukas, N., & Ziakas, V. (2013). Impacts of the Global Economic Crisis on Cyprus Tourism and Policy Responses [https://doi.org/10.1002/jtr.1878]. *International Journal of Tourism Research*, 15(4), 329-345. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/jtr.1878>
- Butler, R.W. (1980). THE CONCEPT OF A TOURIST AREA CYCLE OF EVOLUTION: IMPLICATIONS FOR MANAGEMENT OF RESOURCES
- Cassedy, K., & Association, P. A. T. (1991). *Crisis Management Planning in the Travel and Tourism Industry: A Study of Three Destination Cases and a Crisis Management Planning Manual*. Pacific Asia Travel Association. <https://books.google.pt/books?id=5clzAAAACAAJ>
- Chien, P. M., Sharifpour, M., Ritchie, B. W., & Watson, B. (2016). Travelers' Health Risk Perceptions and Protective Behavior: A Psychological Approach. *Journal of Travel Research*, 56(6), 744-759. <https://doi.org/10.1177/0047287516665479>
- Conway, D., & Timms, B. F. (2010). Re-Branding Alternative Tourism in the Caribbean: The Case for 'Slow Tourism'. *Tourism and Hospitality Research*, 10(4), 329-344. <https://doi.org/10.1057/thr.2010.12>

- Cró, S., & Martins, A. M. (2017). Structural breaks in international tourism demand: Are they caused by crises or disasters? *Tourism Management*, 63, 3-9. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.tourman.2017.05.009>
- Fuchs, G., & Reichel, A. (2006). Tourist Destination Risk Perception: The Case of Israel. *Journal of Hospitality & Leisure Marketing*, 14, 83-108. https://doi.org/10.1300/J150v14n02_06
- Hilsenrath, P., & Borders, T. (2020). Ethics and Economics of the COVID-19 Pandemic in the United States. *Health Services Research and Managerial Epidemiology*, 7, 2333392820957661. <https://doi.org/10.1177/2333392820957661>
- Koens, K., Postma, A., & Papp, B. (2018). Is Overtourism Overused? Understanding the Impact of Tourism in a City Context. *Sustainability*, 10(12). <https://doi.org/10.3390/su10124384>
- Laws, E., & Prideaux, B. (2006). Crisis Management: A Suggested Typology. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 19(2-3), 1-8. https://doi.org/10.1300/J073v19n02_01
- Plog, S. (1974) .Why Destinations Areas Rise and Fall in Popularity
- Ritchie, B. (2008). Tourism Disaster Planning and Management: From Response and Recovery to Reduction and Readiness. *Current Issues in Tourism*, 11(4), 315-348. <https://doi.org/10.1080/13683500802140372>
- Ritchie, B. W. (2004). Chaos, crises and disasters: a strategic approach to crisis management in the tourism industry. *Tourism Management*, 25(6), 669-683. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.tourman.2003.09.004>
- Ritchie, B. W., & Jiang, Y. (2019). A review of research on tourism risk, crisis and disaster management: Launching the annals of tourism research curated collection on tourism risk, crisis and disaster management. *Annals of Tourism Research*, 79, 102812. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.annals.2019.102812>
- Slovic, P. (1987). Perception of Risk. *Science*, 236, 280-285. <https://doi.org/10.1126/science.3563507>

- Strong, P. (1990). Epidemic psychology: a model [<https://doi.org/10.1111/1467-9566.ep11347150>]. *Sociology of Health & Illness*, 12(3), 249-259. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/1467-9566.ep11347150>
- Wassler, P., & Fan, D. X. F. (2021). A tale of four futures: Tourism academia and COVID-19. *Tourism Management Perspectives*, 38, 100818. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.tmp.2021.100818>
- Welfens, P. J. J. (2020). Macroeconomic and health care aspects of the coronavirus epidemic: EU, US and global perspectives. *International Economics and Economic Policy*, 17(2), 295-362. <https://doi.org/10.1007/s10368-020-00465-3>
- Williams, A., & Balaz, V. (2014). Tourism Risk and Uncertainty. *Journal of Travel Research*, 54. <https://doi.org/10.1177/0047287514523334>
- Zakaria, F. (2020). *Ten Lessons for a Post-Pandemic World*. Penguin Books Limited. <https://books.google.pt/books?id=NRL2DwAAQBAJ>
- Zheng, D., Luo, Q., & Ritchie, B. W. (2021). Afraid to travel after COVID-19? Self-protection, coping and resilience against pandemic 'travel fear'. *Tourism Management*, 83, 104261. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.tourman.2020.104261>

Anexos

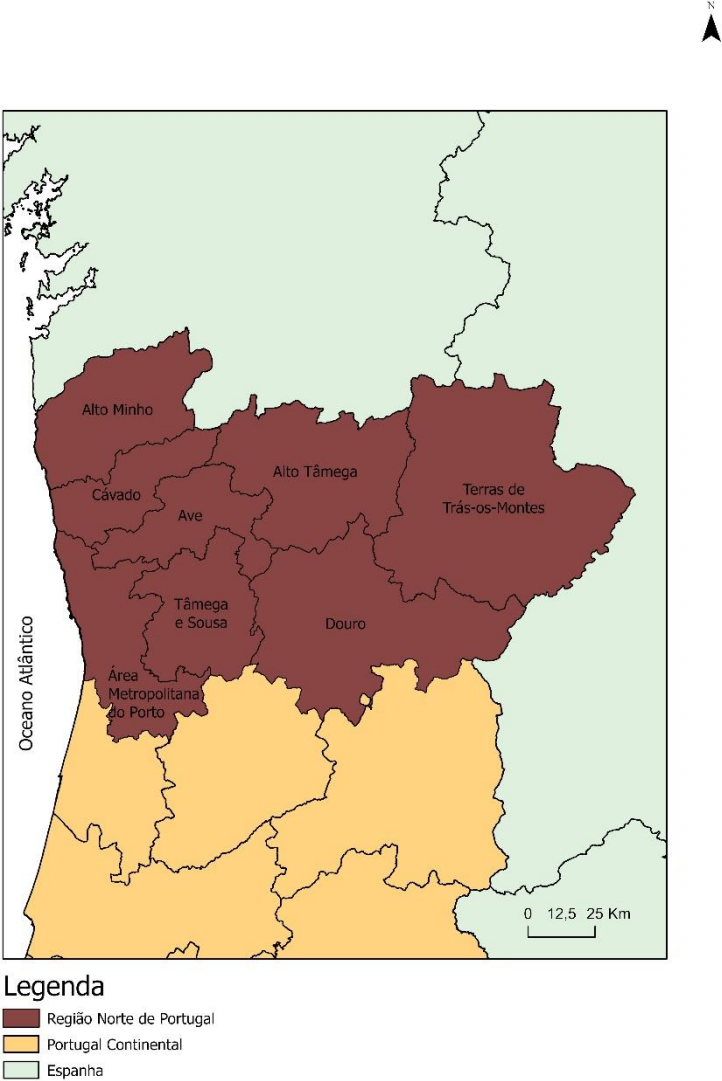


Figura 3- Mapa de Enquadramento do Norte de Portugal

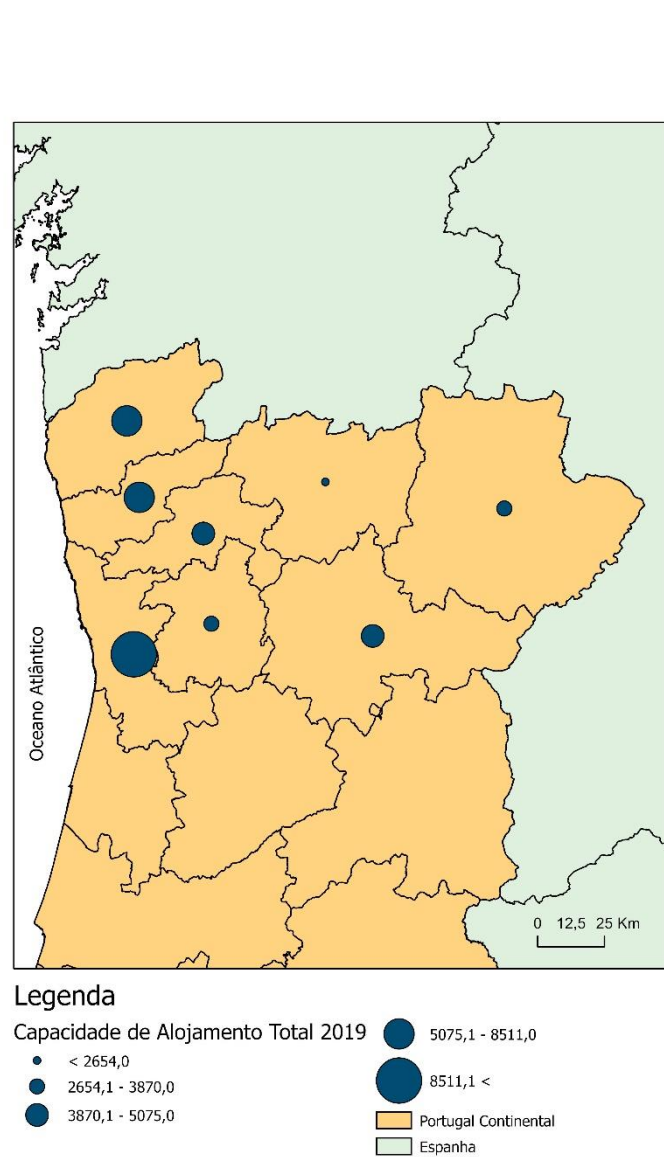


Figura 4-Capacidade de Alojamento Total em 2019

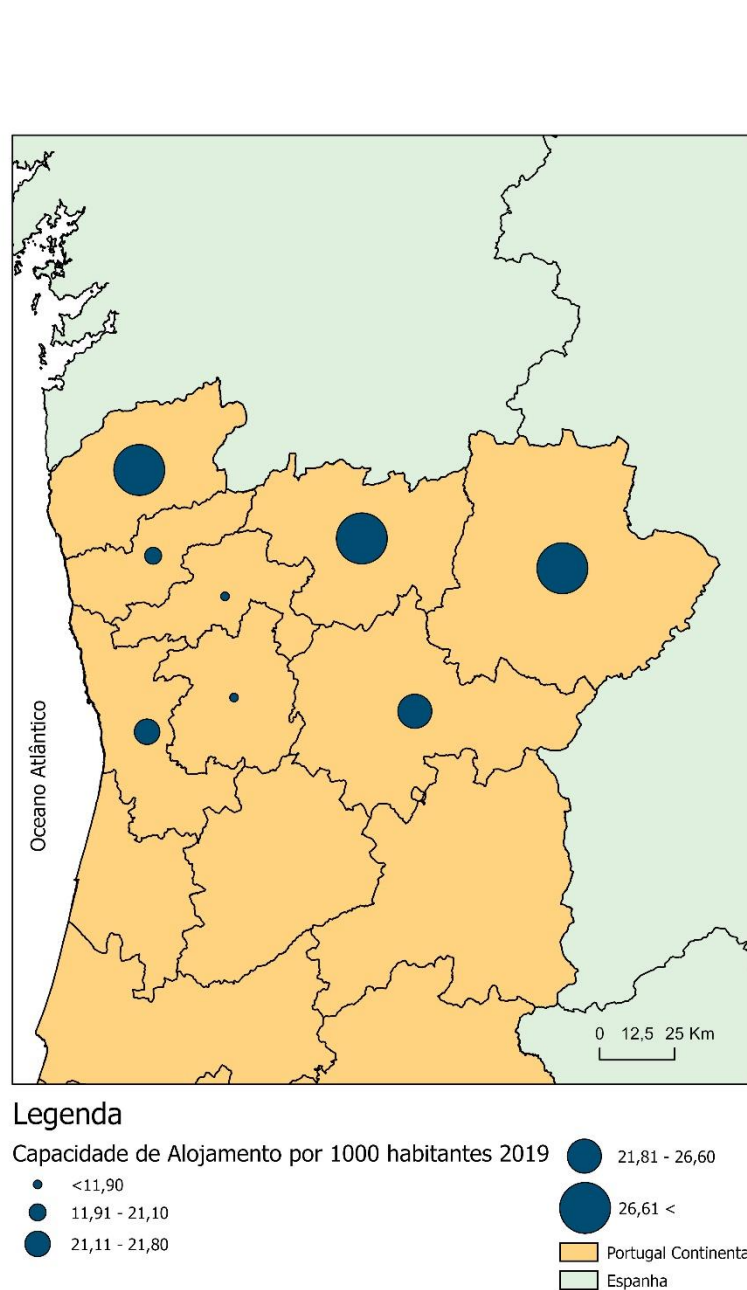


Figura 5-Capacidade de Alojamento por 1000 habitantes, em 2019

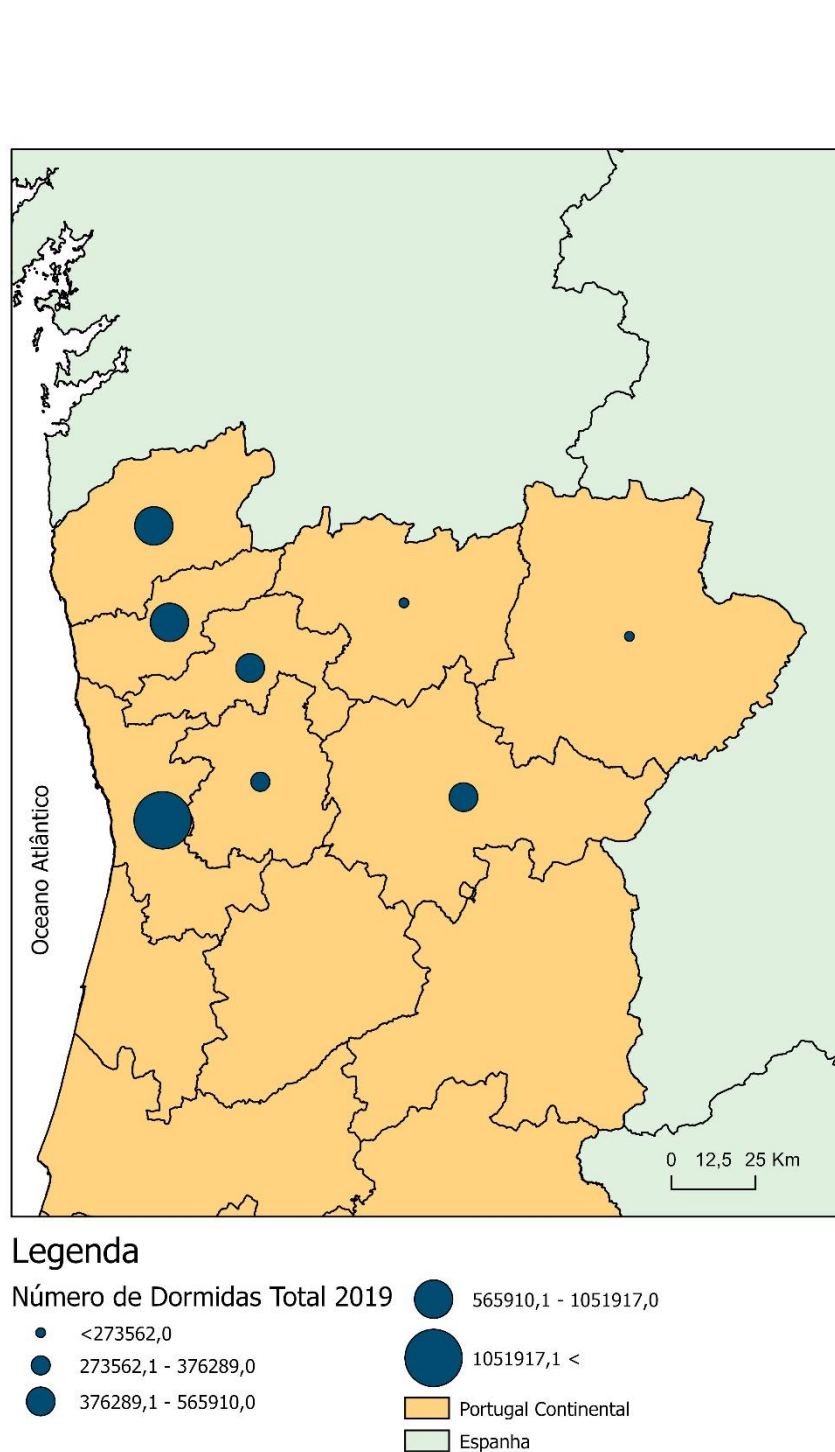


Figura 6- Número de Dormidas Total, em 2019

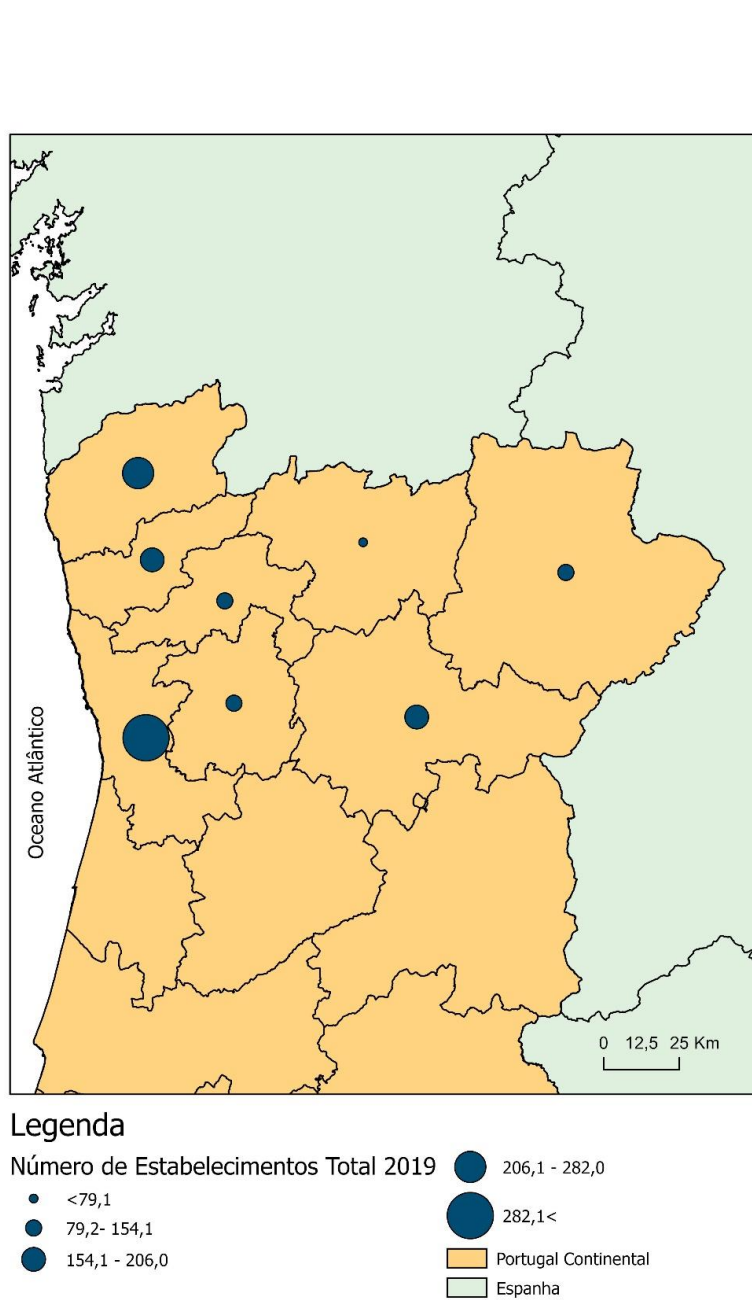


Figura 7- Número de Estabelecimentos Total 2019

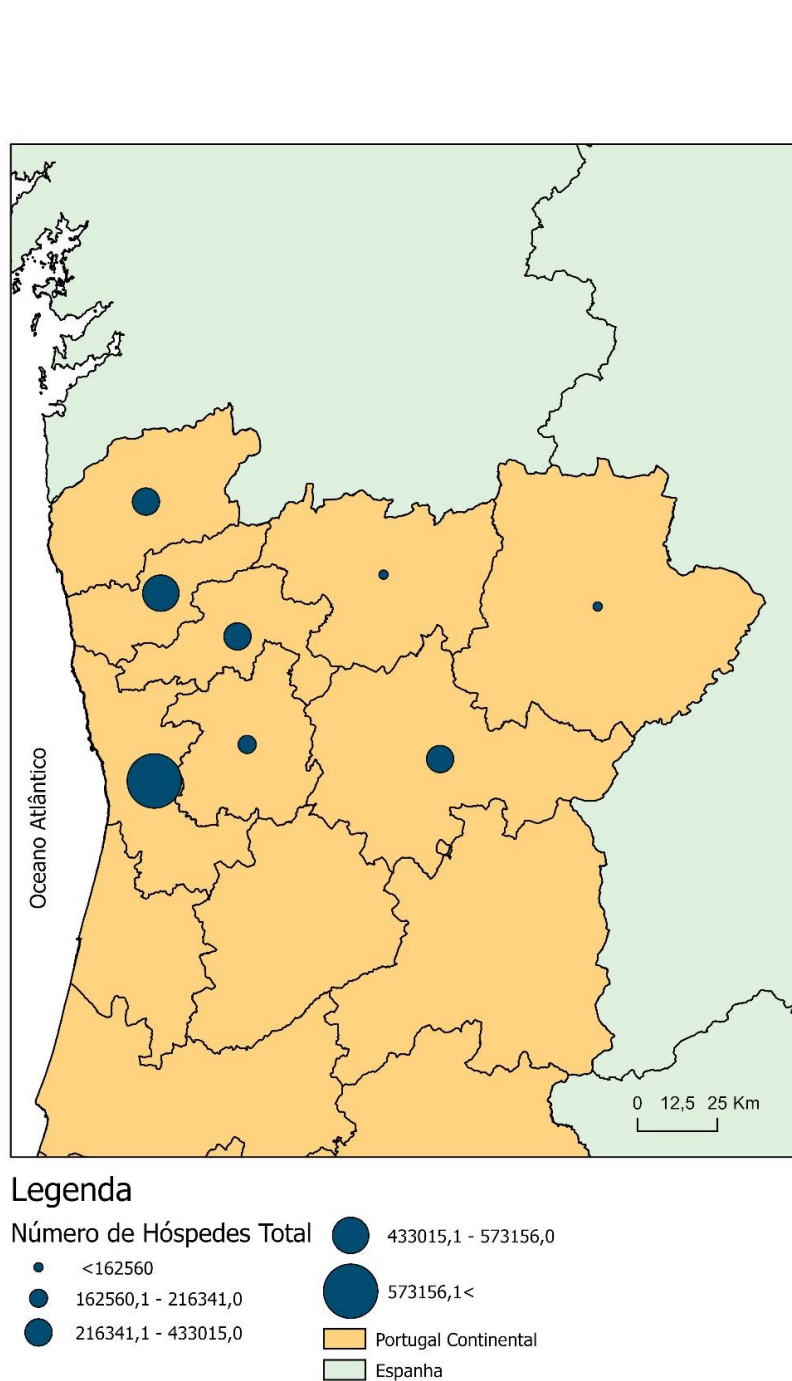


Figura 8- Número de Hóspedes Total, em 2019

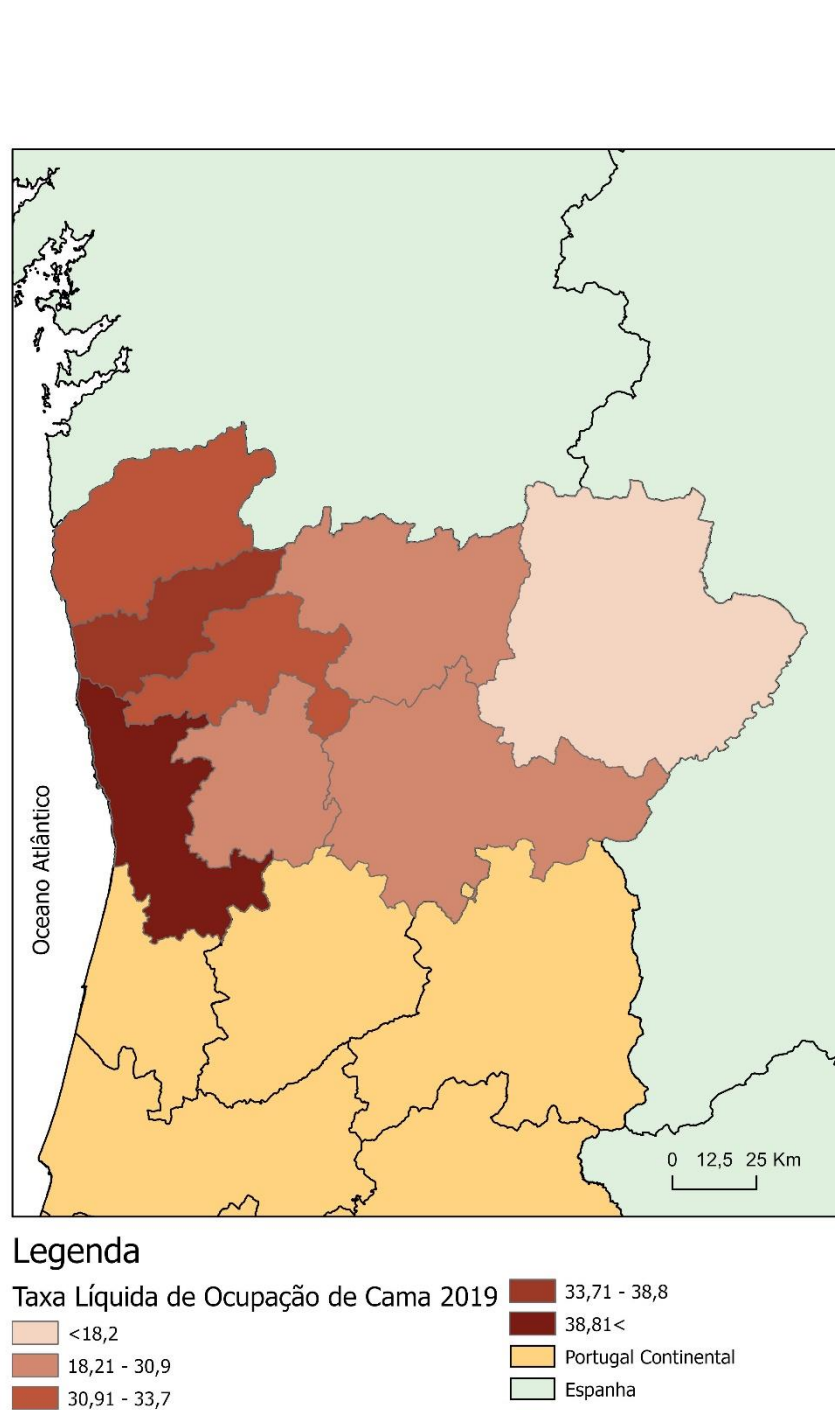
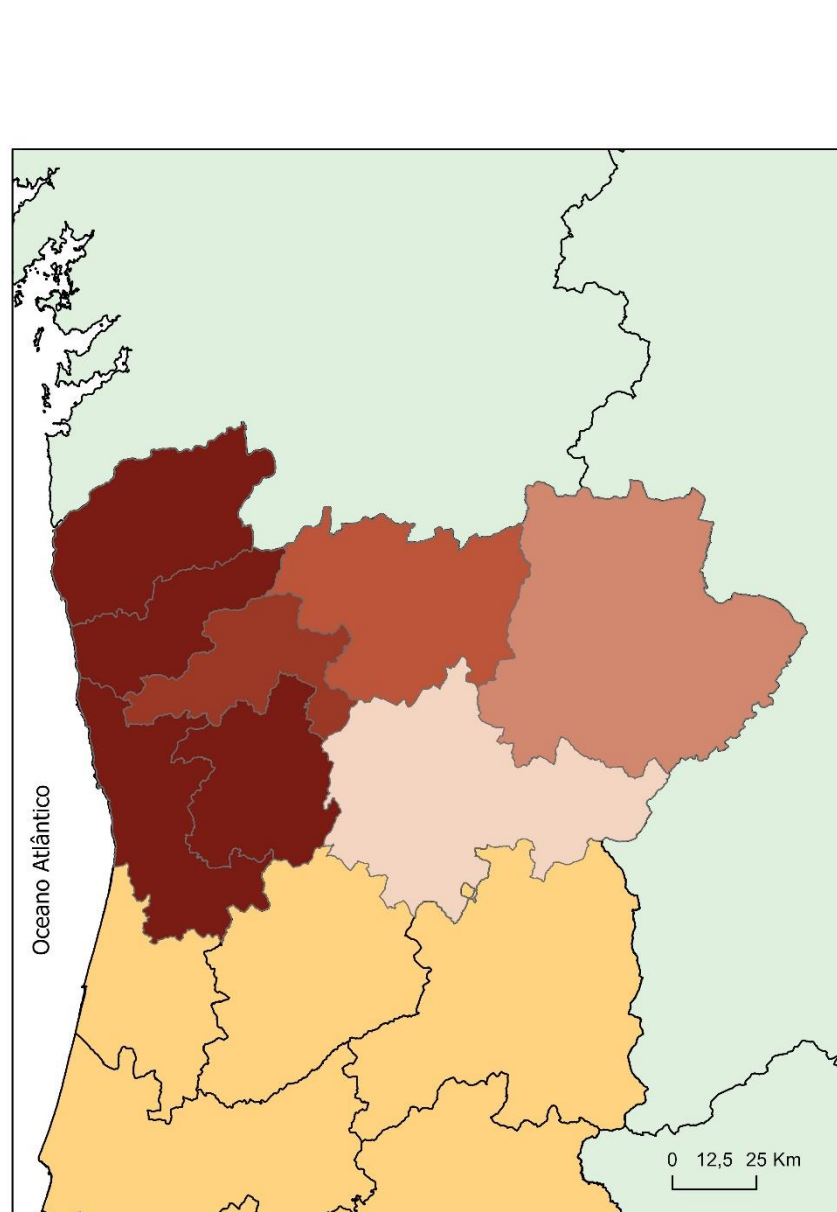


Figura 9- Taxa Líquida de Ocupação de Cama, em 2019



Legenda

Estadia Média no Estabelecimento 2019 (nº de noites)

- <1,61
- 1,62 - 1,70
- 1,71 - 1,80
- 1,81 - 2,0
- 2,01 <
- Portugal Continental
- Espanha

Figura 10- Estadia Média no Estabelecimento, em 2019

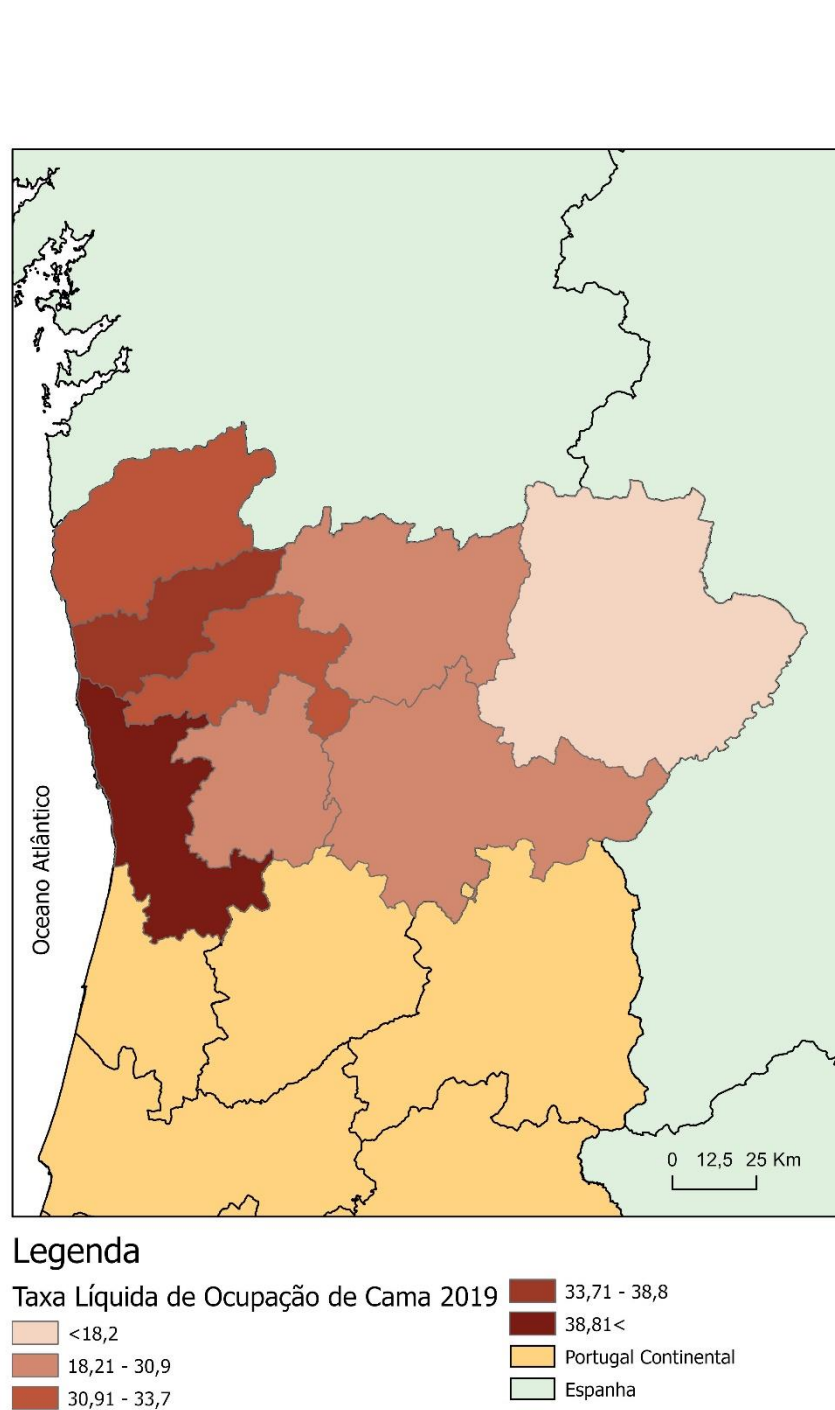


Figura 11- Taxa Líquida de Ocupação de Cama,em 2019

Gráfico 14- Proveitos de aposento por capacidade de alojamento (Milhares de Euros)

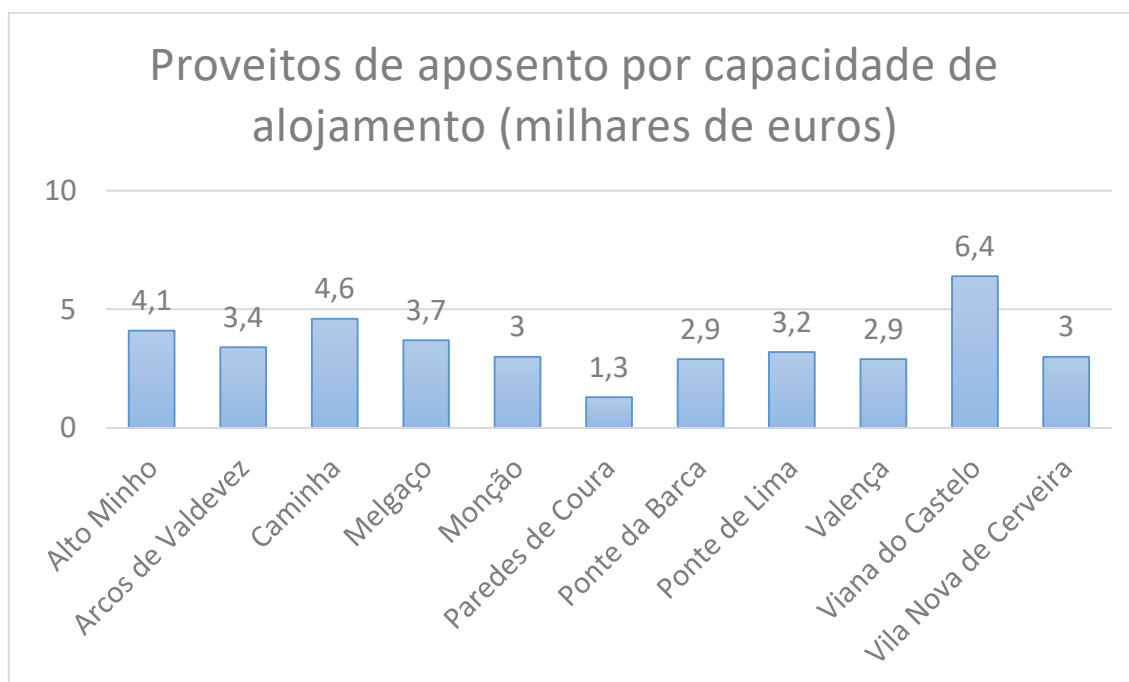


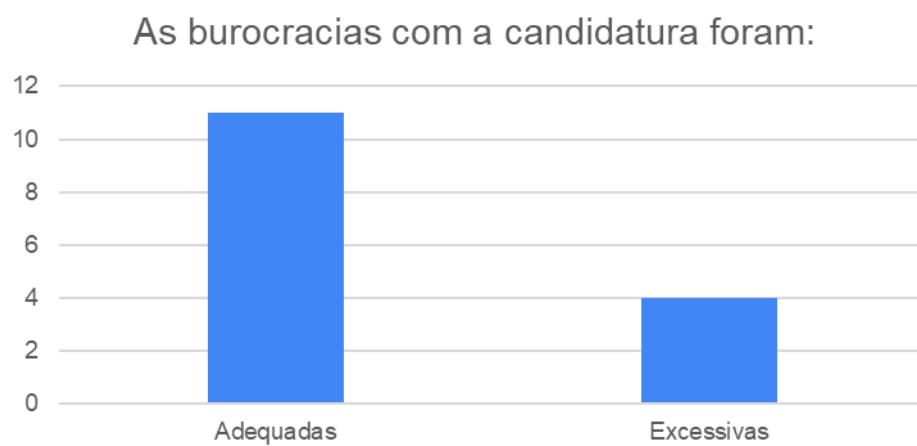
Gráfico 15- Estabelecimentos que recorreram a apoios/ fundos estatais



Gráfico 16- Os apoios revelaram-se úteis na continuação ou retoma da atividade?



Gráfico 17- Caracterização das burocracias de candidatura a fundos



Apêndices

Apêndice 1

O impacto da pandemia COVID 19 nas atividades turísticas vianenses

1) Tipo de estabelecimento

- ☐ Estabelecimentos hoteleiros
- ☐ Turismo em Espaço Rural / Turismo de Habitação
- ☐ Alojamento Local
- ☐ Outra modalidade de alojamento
- ☐ Restaurante
- ☐ Empresa de animação turística
- ☐ Agencia de Viagens
- ☐ Outro

2) Desde março de 2020, em que períodos encerrou o seu estabelecimento?

- ☐ 1º trimestre(Jan/Fev/Mar)
- ☐ 2º Trimestre (Abr/Mai/Jun)
- ☐ 3º Trimestre (Jul/Ago/Set)
- ☐ 4º trimestre (Out/Nov/Dez)

3) Durante o período de encerramento ao público, procedeu a alguma adaptação/alteração de forma a conseguir manter a atividade ?

☐ Sim Qual?

☐ Não

4) De uma forma estimada, qual foi a percentagem de perdas que obteve durante o ano de 2020 e o início de 2021, face a 2019?

- ☐ Inferior a 50%
- ☐ Entre 50% e 70%
- ☐ Entre 70% e 90%
- ☐ Superior a 90%

5) Durante o período pandémico, recorreu a algum fundo/apoio estatal? Qual?

☐ Sim Qual?

- ☐ Não
- 6) Estes apoios revelaram-se úteis para a continuação do negócio?
- ☐ Sim
- ☐ Não
- 7) A burocracia com a candidatura foi
- ☐ Simplificada
- ☐ Adequada
- ☐ Excessiva
- 8) Como caracteriza a ocupação do seu estabelecimento no ano de 2020?
- ☐ Muito Fraca (1)
- ☐ Fraca (2)
- ☐ Normal (3)
- ☐ Boa (4)
- ☐ Muito Boa (5)
- 9) Viu-se obrigado a reduzir o número de funcionários?
- ☐ Sim Quanto? ☐ 25% ☐ 50% ☐ 75%
- ☐ 100%
- ☐ Não
- 10) Como espera que decorra o resto do ano de 2021?
- ☐ Muito Fraco (1)
- ☐ Fraco (2)
- ☐ Normal (3)
- ☐ Bom (4)
- ☐ Muito Bom (5)